

**A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS NO ENSINO DA HISTÓRIA  
E DA GEOGRAFIA: *ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DE DOCUMENTOS*  
*ESCRITOS E GRÁFICOS***

**Vanda Cristina Pombeiro Coelho Marques Miranda**

---

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**

**Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º  
Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

---

**Outubro de 2013**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva. Supervisão da prática de ensino da responsabilidade do Dr. Miguel Inez Soares, professor na Escola Secundária de Alvide (Alcabideche, Cascais) e da Dra. Maria do Carmo Martins, professora na escola EB 2/3 José Cardoso Pires (Casal de São Brás, Amadora).

**A Interpretação de Documentos no Ensino da História e da Geografia: *análise e construção de documentos escritos e gráficos***

**Interpretation of Documents for the Teaching of History and Geography: *analysis and construction of written and graphical documents***

**Vanda Cristina Pombeiro Coelho Marques Miranda**

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**PALAVRAS-CHAVE:** interpretação, construção, documentos, aprendizagem.

**KEYWORDS:** interpretation, construction, documents, learning.

O presente relatório, subordinado ao tema *A Interpretação de Documentos no Ensino da História e da Geografia: análise e construção de documentos escritos e gráficos*, pretende resumir e demonstrar o meu desempenho e evolução na Prática de Ensino Supervisionada que decorreu ao longo do ano lectivo 2012/2013.

Este relatório realiza uma reflexão crítica sobre a importância da análise e interpretação de diferentes tipos de documentos no ensino/aprendizagem.

Os principais objectivos das experiências de aprendizagem desenvolvidas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada foram:

- Tomar consciência da capacidade dos alunos na leitura de documentos;
- Estimular a interpretação de documentos com vista à aquisição, compreensão, aplicação e análise de conhecimentos;
- Desenvolver nos alunos a capacidade de síntese, quer na expressão oral, quer na expressão escrita;
- Avaliar o desempenho dos alunos face aos objectivos estabelecidos e à dinâmica de trabalho atingida em sala de aula;
- Reflectir criticamente acerca das duas experiências de aprendizagem elaboradas e aplicadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, quer em História, quer em Geografia.

This report, under the theme of *Interpretation of Documents for the Teaching of History and Geography: analysis and construction of written and graphical documents* intends to sum up and demonstrate my performance in the *Supervised Teaching Practical* during the academic year of 2012/2013.

This report presents a critical reflection about the importance of the analysis and interpretation of different types of documents in the teaching/learning process.

The principal aims of the teaching experiences developed during the *Supervised Teaching Practical* were:

- Be aware of the ability of students in reading documents;
- Foment documents interpretation to acquire, understand and analyse new information;
- Develop in students their oral and written ability of summarise information;
- Evaluate students considering the established aims and the working dynamic acquired in class;

- To do a critical reflection about two learning experiences formulated and applied during the supervised teaching in both subjects: History and Geography.

## **AGRADECIMENTOS**

Bem hajam a todos aqueles que sempre acreditaram, a todos aqueles que aprenderam a acreditar e aos que não acreditando sempre me ajudaram. A conclusão deste relatório e a sua discussão pública será a realização de um sonho. A obtenção do grau de mestre em ensino e a consequente habilitação própria para a docência, culminará na fase mais importante da minha vida. Sempre me recusei a aceitar que a minha deficiência sensorial me remetesse à condição de inútil perante a sociedade. Sempre me considerei uma pessoa válida pelas minhas capacidades intelectuais.

Julgo pertinente nestas linhas começar por agradecer à Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva pela orientação fundamental e preponderante que me concedeu na execução do presente relatório.

No que diz respeito aos coordenadores do Mestrado de Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, Professor Doutor Fernando Martins e Professora Doutora Raquel Henriques, que me possibilitaram embarcar nesta jornada, agradeço-lhes os conselhos e orientações teóricas.

Uma palavra de grande apreço aos núcleos de estágio, professores cooperantes e direcções das escolas que nos receberam. Ao Dr. Miguel Inez Soares um bem haja, pela receção e orientações práticas que nos facultou na área disciplinar da Geografia. À Dra. Maria do Carmo Martins pela abertura e orientações práticas que nos concedeu na área disciplinar da História, muito obrigada. Agradeço, ainda, à colega de estágio, Dra. Ana Sofia Contente, pela amizade que estabelecemos e trabalho de cooperação que desenvolvemos no estágio. Nunca deixando de ser um ambiente competitivo, estabeleceu-se uma relação muito equilibrada assente no respeito e na admiração. O

ambiente gerado, apoiado nas experiências dos professores cooperantes, foi fundamental para o êxito dos núcleos de estágio.

Uma palavra de agradecimento aos alunos, para e com quem nós trabalhamos arduamente. Estes deram uma lição do que é a escola inclusiva, ao albergarem natural e respeitosamente uma professora diferente.

Por fim agradeço ao Rui, companheiro de todas as horas, os incentivos e colaboração prestadas no decorrer do mestrado e aos meus filhos, Carol e Tomás, pelo tempo que a mamã não pôde passar convosco.

## ÍNDICE

RESUMO .....	c
AGRADECIMENTOS .....	f
ÍNDICE .....	h
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS NO ENSINO: <i>ENQUADRAMENTO TEÓRICO</i> .....	3
I.1 A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS .....	3
I.1.1 A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS .....	4
I.1.2 A INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS .....	5
I.2 A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA .....	6
CAPÍTULO II A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM GEOGRAFIA .....	10
II.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA .....	11
II.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS .....	12
II.2.1 <i>A Turma 8º 1ª</i> .....	13
II.2.2 <i>A Turma 8º ano de CEF de 1º ano de IOSI</i> .....	13
II.3 ATIVIDADES CURRICULARES .....	14
II.4 ATIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR .....	20
CAPÍTULO III A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM HISTÓRIA .....	21
III.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA .....	22
III.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS .....	23
III.2.1 <i>A TURMA 7º 2ª</i> .....	24
III.2.2 <i>A TURMA 7º 3ª</i> .....	24
III.2.3 <i>A TURMA 7º 4ª</i> .....	25
III.3 ATIVIDADES CURRICULARES .....	25
III.4 ATIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR .....	33
CONCLUSÃO .....	36
BIBLIOGRAFIA .....	39
ANEXOS .....	42
ÍNDICE DE ANEXOS .....	i



## INTRODUÇÃO

O presente relatório, intitulado *A Interpretação de Documentos no Ensino da História e da Geografia: análise e construção de documentos escritos e gráficos*, resulta do trabalho desenvolvido, na Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, durante o ano lectivo 2012/2013.

A Prática de Ensino Supervisionada foi dividida em dois momentos distintos: num primeiro momento, de meados de Setembro a meados de Dezembro, na Escola Secundária de Alvide (Alcabideche, Cascais), dedicada à área disciplinar da Geografia, sob a orientação do professor Miguel Inez Soares; num segundo momento, de meados de Fevereiro até ao final de Maio, na EB 2/3 José Cardoso Pires (Casal de São Brás, Amadora), dedicada à área disciplinar da História, sob a orientação da professora Maria do Carmo Martins.

Este relatório, procura demonstrar as actividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, contextualizadas pelas características das turmas e das escolas, com a utilização da análise e construção de documentos escritos e gráficos no ensino da História e da Geografia como fio-condutor.

A escolha deste tema coaduna-se com o facto de considerarmos cada vez mais importante trabalhar a interpretação de documentos no ensino/aprendizagem, de modo a sensibilizar os alunos para a leitura e a análise crítica dos documentos. Com vista a proporcionar aos alunos o desenvolvimento da *capacidade de pensar*, em detrimento da *capacidade de memorização*. Pois acreditamos que a função da escola é, cada vez mais, a de *ensinar a pensar criticamente*.

«A escola sempre foi o mais importante meio de transferência de riqueza da tradição de uma geração para a seguinte. Hoje isto aplica-se ainda mais do que antigamente, porque através do desenvolvimento moderno e da vida económica, o papel da família como entidade portadora da tradição e da educação tem enfraquecido. A continuidade e a saúde da sociedade humana estão, portanto, mais dependentes da escola do que anteriormente.»  
(Einstein, 1936)

No decorrer das aulas assistidas, procurámos cultivar a leitura nos alunos através de diversos tipos de documentos, relevantes para o ensino da História e da Geografia, tais como: imagens, textos, gráficos, mapas, etc... Orientámos os alunos para a interpretação correta e adequada dos documentos visados.

A planificação das aulas teve como base, a selecção de diferentes estratégias e recursos, que proporcionassem a interpretação e construção de documentos relevantes para a compressão dos conteúdos programáticos. Estas planificações surgiram com a primordial contribuição da prévia observação das aulas leccionadas pelos professores cooperantes. Teve-se em atenção as estratégias utilizadas pelos professores cooperantes de modo a permitir uma continuidade pedagógica que garantisse a estabilidade das turmas.

O relatório está estruturado em quatro partes:

- Na primeira, ainda que de forma sumária, reflecte-se teoricamente sobre o tema apresentado;
- Na segunda e terceira, apresentam-se as práticas de ensino supervisionadas, na área da Geografia e na área da História, respectivamente. Caracterizam-se escola e turmas. Reflecte-se sobre algumas das actividades curriculares desenvolvidas. Descrevem-se as actividades de complemento curricular.
- Por último, apresenta-se uma breve conclusão que se pode retirar deste trabalho.

# **CAPÍTULO I A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS NO ENSINO: ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **I.1 A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS**

A interpretação deve consistir na descoberta do sentido e significado de algo. Segundo a definição constante na *Infopédia*:

«**interpretação**<sup>1</sup>, *s.f.* 1. Ato ou efeito de interpretar; 2. Sentido em que se toma o que se ouve, se lê ou se vê fazer; 3. Maneira de representar no teatro ou no cinema ou de executar uma peça musical; 4. Compreensão; explicação; 5. Versão; 6. Comentário; 7. PSICOLOGIA, MEDICINA, atribuição de significações falsas reais, com tendência para raciocínios dedutivos artificiais. (Do latim *interpretatione*).»

A Interpretação pode referir-se ao processo ou ao seu resultado; isto é, tanto ao conjunto de processos mentais que ocorrem num leitor quando interpreta um documento, quanto aos comentários que este poderá tecer depois de o ter analisado.

Como prática social e escolar, a leitura é indispensável à interpretação, podendo os significados serem mesmo confundidos. Esta vertente da investigação tem sido estudada pelas mais diversas áreas do conhecimento, tão abrangentes quanto: a Linguística, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia, a História, a Inteligência Artificial, etc.

---

<sup>1</sup>– *Interpretação* In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-8-20]. Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/interpreta%C3%A7%C3%A3o>>.

### I.1.1 A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

«Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.» (Morais, 1996, p.12)

Segundo **Morais**<sup>2</sup> (1996), a leitura tem diversificadas funções que, no nosso caso particular, importa a vertente da leitura como instância de produção do conhecimento, ou seja, leitura informativa e formativa.

O efeito da leitura e interpretação de um texto deve resultar na obtenção de respostas relevantes à informação contida no mesmo. Segundo as teorias de **Goodman**<sup>3</sup> (1967) e **Smith**<sup>4</sup> (1989), podemos afirmar que o leitor deve ser capaz de seleccionar a informação e de utilizar os conhecimentos anteriormente adquiridos para de uma forma rápida entender o significado dos textos.

Depois da leitura e interpretação de um texto, o aluno deve ser capaz de elaborar uma síntese do mesmo.

---

<sup>2</sup>– **José Junca de Moraes**, professor emérito da *Université Libre de Bruxelles*, núcleo de Investigação em Neurociências Cognitivas. *Doutor Honoris Causa* pela *Universidade de Lisboa*. Coordenador da equipa convidada pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) para realizar o estudo sobre os níveis de referência de desenvolvimento da leitura e da escrita.

<sup>3</sup>– **Kenneth S. Goodman**, professor emérito da Universidade do Arizona, especialista em linguagem e comunicação. Percursor da teoria *Whole Language*.

<sup>4</sup> – **Frank Smith**, psicolinguista doutorado em Harvard no centro de estudos cognitivos. Originário de Inglaterra vive atualmente em Toronto no Canadá. Frank Smith é professor de educação no Instituto de Ontário. O seu interesse pela linguagem veio naturalmente com as suas funções como jornalista e editor de revistas. Desde o seu doutoramento esteve envolvido na pesquisa psicológica e educacional.

## I.1.2 A INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS

O que é a imagem?

Segundo a definição constante na *Infopédia*:

«*imagem*<sup>5</sup>, s.f. 1. representação (gráfica, plástica, fotográfica) de algo ou alguém. 2. reprodução obtida por meios técnicos; cópia. 3. RELIGIÃO pintura ou escultura, destinada ao culto, que representa motivos religiosos. 4. *figurado* pessoa muito parecida com outra; retrato; réplica. 5. *figurado* pessoa que representa ou faz lembrar algo abstrato; símbolo; personificação. 6. recurso estilístico patente na evocação viva de determinada realidade em que se procura recriar sensações, sobretudo visuais (abrange a comparação, a metáfora e a metonímia). 7. conjunto de conceitos e valores que as pessoas ou o público associam a determinada pessoa, produto ou instituição; fama. 8. PSICOLOGIA reprodução mental de uma percepção anteriormente experimentada, na ausência do estímulo que a provocou. 9. *figurado* pessoa bela; estampa. 10. conjunto de pontos (reais ou virtuais) onde vão convergir, depois de terem atravessado um sistema ótico, os raios luminosos saídos de diversos pontos de um corpo. (Do latim *imagine*).»

Como se verificou existem inúmeros conceitos de imagem, «uma imagem é algo que se assemelha a qualquer coisa. (...) a imagem pertence ao mundo das representações: se ela se assemelha a qualquer coisa é porque não é a própria coisa.» (Alegria, 2005, p.180).

Segundo Alegria<sup>6</sup> (2005), a imagem tem uma rápida percepção visual, de fácil reconhecimento do conteúdo, devido à sua universalidade. Pensa-se que a imagem tem uma rápida e fácil leitura quando se conhece o que nela está representado. O que não é verdade, pois perceber o que está representado numa imagem é reconhecer os seus símbolos visuais e não interpreta-la. A autora afirma “Ser capaz de identificar, de

<sup>5</sup> – *Imagem* In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-08-20]. Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/imagem>>.

<sup>6</sup> – **Maria Fernanda Alegria**, doutorada em *Geografia Humana* pela *Universidade de Lisboa*. Professora associada e investigadora do *Centro de Estudos Geográficos* da *Universidade de Lisboa*. Dedicou muito dos seus estudos à história da geografia e à utilização da imagem no ensino.

reconhecer, um conteúdo, um motivo figurativo, não significa que se compreenda a mensagem explícita ou implícita que ele contém.” (idem).

Na interpretação de imagens devemos ter em atenção o que o visível sugere e reflectir sobre ele. Nas imagens (pinturas, gravuras, mapas, gráficos, fotografias, entre outras), a informação fornecida pelo título, legenda e fonte é fundamental para a interpretação. Segundo Joly<sup>7</sup> (1994), a imagem não exclui a linguagem verbal, pois, geralmente, o texto acompanha o visual na forma de comentários, títulos, legendas, entre outros. Segundo Metz<sup>8</sup> (1970, citado por Alegria, 2005, p.181) «só há representação porque há linguagem; imagem e linguagem são indissociáveis.»

O texto complementa a imagem estática, pois exprime os significados que a imagem dificilmente pode mostrar, o que acontece, principalmente nas imagens publicitárias, televisivas, jornalísticas e técnica.

«As imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens. O que lemos ou ouvimos a respeito das imagens, (...) determina necessariamente a abordagem que fazemos dela.» (Joly, 1994, p.76)

## **I.2 A INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA**

Enquanto docentes é necessário acautelar o modo como construímos os recursos e de que forma apresentamos os conteúdos programáticos. Deve-se diversificar o tipo de documentos que exploramos, no intuito de conseguir a transmissão da mensagem o que permite desenvolver competências e consolidar conhecimentos.

«... diríamos que o professor deve utilizar o maior número de imagens nas aulas, pois diversificando essa oferta está a contribuir para criar cultura em sentido lato.» (Alegria, 2004, p.8)

---

<sup>7</sup> – **Martine Joly**, esta francesa professora na *Université Michel de Montaigne - Bordeaux III*, é responsável pelos cursos de produção audiovisual do *Instituto Francês de Ciências de Informação e da Comunicação*.

<sup>8</sup> – **Christian Metz**, francês, teorizador do cinema e aplicação da teoria da semiologia a esta arte.

A interpretação de imagens traz inúmeros benefícios ao processo ensino/aprendizagem, embora a sua utilização não seja muito recorrente. Segundo um estudo de Calado<sup>9</sup> realizado em 1990/91, sobre a utilização de imagens em contexto educativo, que contou com a colaboração de 358 professores do ensino secundário, a autora demonstra que os docentes utilizam este recurso de modo pontual, embora reconheçam as vantagens da sua utilização.

A imagem não deve ser utilizada de forma passiva, apenas como mero elemento ilustrativo. O professor deve ser capaz de assegurar a interpretação da imagem, para fazer passar a sua mensagem. Como disse Taddei<sup>10</sup> (1981, p.55), «é necessário que a gente se sirva de tal linguagem para conseguir a comunicação.» Sendo a imagem uma linguagem que os alunos bem conhecem, gostam e que procuram para se expressarem, é de todo pertinente o seu controlo e utilização no processo ensino/aprendizagem. O professor tem a seu cargo a responsabilidade da sua introdução de forma eficiente na sala de aula, ensinando os alunos a gerir a informação e a comunicar com e pelas imagens.

A interpretação e a construção de variados tipos de documentos no processo ensino/aprendizagem é muito positiva para o desenvolvimento crítico dos alunos. Esses documentos podem ser: textos, fotografias, gráficos, mapas, tabelas, etc. Contudo, é necessário treinar para saber interpretar um documento. Segundo Alegria, a interpretação é influenciada por diversos fatores, «uns mais facilmente detetáveis, outros mais obscuros» (Alegria, 2005, p.177). O repetido exercício da interpretação permitirá municiar os alunos com as ferramentas de descodificação da linguagem presente no documento, tendo em conta que: «Entre estes está o hábito de observar imagens, as associações que os elementos presentes na imagem evocam, as expectativas do receptor, a resistência à análise, a presença ou ausência de comentários.» (idem)

---

<sup>9</sup> – **Isabel Calado**, Doutora em Ciências da Comunicação, especialização em História e Teorias da Imagem da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Investigadora do CEIS20.

<sup>10</sup> – **Nazzareno Taddei**, o padre Taddei é uma autoridade em Itália em cinema e comunicação audiovisual. Com diversos livros publicados e autor de inúmeros documentários.

O professor ao conduzir o aluno na interpretação de documentos deve orientá-lo para que, numa primeira abordagem e sempre que possível, este identifique o título, a data e o autor. Esta acção permite, por si só, ter uma visão geral do documento, ponto de partida para a interpretação detalhada.

«Análise de documentação escrita e iconográfica. – Constitui, para qualquer tema, a base material indispensável a partir da qual se desenvolve o espírito de pesquisa, o espírito crítico, (...). A abordagem dos documentos (...) deverá contemplar a interpretação do seu sentido global, a partir da identificação do autor, da data e dos elementos essenciais de informação (factos, personagens, locais...).» (DEB, Programa de História, p.142)

É importante referir que a utilização da imagem no processo ensino/aprendizagem é tomada como se o aluno a conhecesse, no momento da aquisição, ou seja, para que a informação ganhe sentido e possa ser factor de aprendizagem deve integrar-se no que o aluno já sabe sobre o assunto. Só assim é reconhecido o papel da imagem no acto ensino/aprendizagem.

Quando o aluno conhece a linguagem representada na imagem o processo ensino/aprendizagem é inteligível. Quando tal não acontece, ou, ao se introduzir um novo tipo de imagem, como por exemplo, um mapa, cabe ao professor desconstruir a linguagem própria desta representação, fornecendo o código que permita ao aluno a sua correta interpretação, desenvolvendo, assim, uma real compreensão e facilitando a aquisição de conhecimentos.

Manguel<sup>11</sup> (2003) reflecte sobre a interpretação de imagens, no que vai de encontro à experiência da docência. Segundo ele, quando analisamos uma obra de arte,

“... o que vemos é a pintura traduzida nos termos de nossa própria experiência. Conforme Bacon sugeriu, infelizmente (ou felizmente) só podemos ver aquilo que as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos.” (Manguel, 2003, p.27)

---

<sup>11</sup> – **Alberto Manguel**, de origem Argentina vive no Canadá. Especialista em literatura, tem uma vasta obra como tradutor, publicações de ficção e não só. Tem escritos sobre as simbologias da comunicação, principalmente nos média e na literatura.



No caso da interpretação de imagens estáticas, sejam gravuras, pinturas, fotografias, ou outras, o aluno deve ler o título e a legenda, para entender o que está representado nessa imagem. Segundo Joly (1994, p.120), são estes dados que permitem complementar a incapacidade de que este tipo de imagens têm em exprimir as relações temporais ou causais. «As palavras vão completar a imagem.» (idem).

A utilização da imagem em movimento ou animada, comumente tratada por vídeo, no contexto de sala de aula, pode dar ao aluno a possibilidade de conhecer situações nunca vivenciadas, quer pela distância ou perigosidade física, assim como a visualização de catástrofes naturais (erupções vulcânicas, avalanchas, incêndios, etc...), quer pela distância temporal, reconstituições históricas de acontecimentos passados. Segundo Moran<sup>12</sup> (1995), a utilização do vídeo como conteúdo no ensino tem duas vertentes,

«Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares.» (Moran, 1995, p.2)

Ensinar, com recurso à interpretação de documentos diversos, possibilita ao aluno conhecer os conteúdos, a partir de diferentes perspectivas de apresentação.

---

<sup>12</sup>– José Manuel Moram, de origem Espanhola, naturalizado no Brasil, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo é especialista em comunicação educacional presencial e à distância.

## **CAPÍTULO II A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM GEOGRAFIA**

A Prática de Ensino Supervisionada em Geografia teve lugar, na Escola Secundária de Alvide, durante o primeiro semestre do ano lectivo 2012/2013, sob a orientação do professor cooperante Miguel Inez Soares. O trabalho foi desenvolvido com duas turmas do 8º ano: a turma 8º1ª, na disciplina de Geografia, e na turma CEF de 1º ano do curso de Instalação e Operação de Sistemas Informáticos (IOSI), na disciplina de Cidadania e Mundo Atual (CMA).

A médio prazo, as atividades curriculares foram planificadas de acordo com o modelo de planificação adotado pela escola (ver anexo 1). A curto prazo ou plano de aula, o modelo adotado foi o utilizado pelo professor cooperante, pois era o aceite pela escola (ver anexos 2 e 5). A planificação das aulas é fulcral para um bom desempenho do docente, fundamental para a aquisição de competências por parte dos alunos.

«O preparo das aulas é uma das actividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar. Nada substitui a tarefa de preparação da aula em si. (...) faz parte da competência teórica do professor, e dos compromissos com a democratização do ensino, a tarefa quotidiana de preparar suas aulas (...).» (Fusári<sup>13</sup>, 2008, p.47).

---

<sup>13</sup> – **José Cerchi Fusari**, doutorado em educação pela Universidade de São Paulo (USP) onde leciona na Faculdade de Educação. Trabalhou ativamente na formação de pedagogos, professores e investigadores. Coordena na FEUSP o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores (GPEFE).

No âmbito do tema deste relatório, durante a Prática de Ensino Supervisionada em Geografia utilizaram-se estratégias, no contexto de sala de aula, que visaram o desenvolvimento de grande parte das competências, constantes nas Orientações Curriculares para o 3º Ciclo da Disciplina da Geografia, enunciadas pelo Ministério da Educação. Segundo essas orientações tentaram-se desenvolver as competências que permitissem ao aluno ser capaz de:

- «Ler e interpretar globos, mapas e plantas de várias escalas, utilizando a legenda, a escala e as coordenadas geográficas.
- Localizar Portugal e a Europa no Mundo, completando e construindo mapas.
- Formular e responder a questões geográficas (Onde se localiza? Como se distribui? Porque se localiza/distribui deste modo? Porque sofre alterações?), utilizando atlas, fotografias aéreas, bases de dados, cd-roms e Internet.
- Discutir aspectos geográficos dos lugares/regiões/assuntos em estudo, recorrendo a programas de televisão, filmes, videograma, notícias da imprensa escrita, livros e enciclopédias.
- Comparar distribuições de fenómenos naturais e humanos, utilizando planisférios e mapas de diferentes escalas.
- Seleccionar e utilizar técnicas gráficas, tratando a informação geográfica de forma clara e adequada em gráficos (lineares, histogramas, sectogramas, pirâmides etárias), mapas (de manchas, temáticos) e diagramas.»

## **II.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A Escola Secundária de Alvide localiza-se no bairro com o mesmo nome, situada na freguesia de Alcabideche, no concelho de Cascais. Esta freguesia em termos da população é colocada em 3º lugar, embora seja a maior em área territorial do concelho. Quanto à população escolar, para o ano lectivo 2012/2013 existiam 34 turmas, onde estavam matriculados 714 alunos, sendo a média aritmética de 21 alunos por turma.

A escola, inaugurada em outubro de 1986, é constituída por 8 pavilhões. Incluindo um polidesportivo e um polivalente-administrativo, onde se encontra alojada a biblioteca escolar, circundados por uma zona verde, numa área total de 6334 m<sup>2</sup>.

No sentido de responder às necessidades da Comunidade Educativa, a Escola Secundária de Alvide oferece, para além dos planos de estudo habituais, opções curriculares diferenciadas, designadamente Cursos de Educação e Formação (CEF) e Cursos Profissionais (CP).

Como quase todas as freguesias da área metropolitana de Lisboa, a composição da sua população escolar pública é muito heterogénea. O Agrupamento de Escolas de Alvide tem vindo a atuar na construção de atitudes e valores de integração, da comunidade multicultural, a fim de obter uma comunidade de todos e para todos.

«A construção de atitudes e valores que favoreçam o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e críticos, ponto de partida para uma sociedade mais cooperante e multicultural.» (Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas de Alvide 2009/2010, p.4).

Assinalam-se a existência de fragilidades sociais e incidência de ambientes familiares desestruturados, que poderão explicar a insuficiente motivação e participação na aprendizagem sistematizada. No item envolvimento e participação dos pais e encarregados de educação, no projecto educativo da escola, denota-se o absentismo da maioria destes.

## **II.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS**

Passa-se a descrever, muito sucintamente, a caracterização das turmas, apenas como enquadramento básico da população estudantil que lecionámos.

### **II.2.1 A Turma 8º 1ª**

A turma era, nos planos socioeconómico e cultural, bastante heterogénea, constituída por 21 alunos, mas às aulas de Geografia só assistiam 19 alunos, uma vez que existiam 2 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), portanto acompanhados por professor do ensino especial, que ministrava a disciplina específica, Geografia para a Vida.

Dos 19 alunos que frequentaram Geografia de 8º ano, 42% eram do sexo feminino e 58% do sexo masculino. A média de idades do grupo era de 13,5 anos, no intervalo dos 12 aos 15 anos. Ao nível do comportamento, a turma não apresentava problemas de maior, exceptuando 1 aluno do sexo masculino que estava a ser avaliado pelos órgãos competentes e que por esse motivo ainda não tinha sido decidida a sua integração ou não no grupo de NEE, nem haviam sido delineadas estratégias de aprendizagem específicas para o aluno em questão.

### **II.2.2 A Turma 8º ano de CEF de 1º ano de IOSI**

Nos planos socioeconómico e cultural, a turma era bastante heterogénea. Sendo constituída por 20 alunos, 10% eram repetentes, embora todos tivessem reprovado, um ou mais anos, em níveis anteriores. A multiculturalidade da turma estava expressa na existência de 45% dos alunos em que a língua materna não era o português de Portugal (dos quais 55,5% falantes do português do Brasil).

Dos 20 alunos de 8º ano na disciplina de Cidadania e Mundo Atual (CMA) 15% era do sexo feminino e 85% do sexo masculino. A média de idades era de 15,5 anos, no intervalo dos 14 aos 18 anos.

A nível disciplinar existiam a ocorrência de faltas coletivas e de processos disciplinares em curso. Por todos estes motivos era uma turma instável, onde qualquer pequeno incidente poderia derivar em falta grave.

### II.3 ATIVIDADES CURRICULARES

No âmbito da Prática do Ensino Supervisionada em Geografia foram desenvolvidas diversas atividades tendo como fio condutor o tema do relatório – ***A Interpretação de Documentos no Ensino da História e da Geografia: análise e construção de documentos escritos e gráficos***. Trabalharam-se com os alunos a análise, a interpretação e a construção de documentos: textos, mapas, gráficos, tabelas, etc.

Ressalta-se que todos os recursos utilizados durante a Prática de Ensino Supervisionada em Geografia foram construídos propositadamente para o efeito, salvaguardando as especificidades das turmas. A concepção dos recursos foi elaborada de forma a facilitar ao máximo a compreensão dos novos conteúdos programáticos. A sua abordagem em contexto de sala de aula pretendeu sempre ser clara e motivadora da participação dos alunos. Não foram leccionadas aulas centradas na professora mas sim nos alunos. O papel da professora estagiária foi sempre o de orientar os alunos para o cumprimento das tarefas solicitadas.

Pretendia-se que os alunos interpretassem a informação contida nos diferentes recursos construídos: lida num texto escrito ou iconográfico, visualizada numa imagem, analisada em gráficos, tabelas ou mapas, que permitissem a compreensão da informação e a sua situação espacial e temporal.

Nas aulas lecionadas procurou-se estabelecer um bom relacionamento professor/aluno e aluno/aluno, baseado no respeito mútuo e na disciplina dentro da sala de aula, para que pudéssemos desenvolver com sucesso todas as atividades propostas. Ao nível disciplinar não ocorreu qualquer incidente, tendo contribuído para tal a prévia planificação das atividades curriculares, que impediram a existência de tempos mortos, aliada à experiência de leção da professora estagiária e ao bom domínio da técnica do silêncio.

Com a turma 8<sup>o</sup> 1<sup>a</sup> na disciplina de Geografia, de acordo com a prévia planificação das atividades, recorreu-se à avaliação formativa e sumativa. A avaliação formativa (ver anexos 4 e 7) permitiu obter o resultado dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, através das estratégias utilizadas no processo ensino/aprendizagem. Esta avaliação permitiu à professora estagiária repensar e adotar novas estratégias e metodologias de

trabalho, caso os alunos tivessem tido dificuldades na aprendizagem dos novos conteúdos programáticos.

Com a avaliação sumativa (ver anexo 30) procurou-se verificar a consolidação de conhecimentos, a aquisição de novas competências de trabalho e a utilização correta da linguagem geográfica por parte dos alunos.

A avaliação registada, nas grelhas de observação (ver anexos 24 e 25), foi demonstrativa de um excelente aproveitamento, consequência da apreensão dos conhecimentos por parte dos alunos. No que diz respeito à participação, quer na elaboração das sínteses das aulas anteriores, quer nos debates orientados pela professora estagiária, foi sempre reveladora de um excelente *feedback*, por parte dos alunos, e que o conhecimento passou com qualidade à maior parte do público-alvo.

Durante o período de leccionação, na área disciplinar da Geografia foi sempre planificado um plano B, com a anuência e a orientação do professor cooperante. Foi uma outra via de atingir os mesmos objectivos, o que tranquilizou e ajudou algumas vezes, quando se recorreu à sua utilização para cativar alguns dos alunos menos interessados.

«Tanto a teoria como o bom senso sugerem que a planificação de qualquer tipo de actividade melhora os seus resultados. A investigação também aponta para o facto de que o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados (...).» (Arends, 1995, p.45).

No que diz respeito à disciplina de Geografia foi feita uma interpretação exaustiva dos documentos, apelando sempre à participação dos alunos, baseada no modelo interactivo da educação. Para o subtema *Evolução da População Mundial*, os conteúdos programáticos que foram leccionados são uma compilação de vários conceitos, pouco palpáveis para os alunos.

Na primeira aula lecionada introduziu-se a temática da *Evolução da População Mundial* através de uma apresentação digital, recurso didáctico que, de modo interactivo professor/aluno, permitiu fazer uma explicação clara e concisa dos *três períodos demográficos*.

Para a aula seguinte foi planeada fazer uma síntese oral da aula anterior, com a colaboração dos alunos. Mas não foi o que aconteceu. Apenas se iniciou a síntese, logo,

os alunos a continuaram, realizando-a na totalidade. Limitou-se a professora estagiária, somente, a orientar as participações para que estas fossem feitas ordeiramente. Essa orientação foi controlada, de modo a possibilitar e mesmo provocar a participação dos alunos menos interventivos.

O cenário bastante assertivo, da participação dos alunos envolvendo a construção de sínteses orais, referentes à aula anterior, foi sempre mantido. Constatou-se uma evolução positiva, com a participação de um crescente número de alunos e com a evolução qualitativa das intervenções. Pensamos ser este um exemplo demonstrativo do trabalho de apreensão, memorização e consolidação de conhecimentos efectuado com os alunos.

#### **AULA DE 24 DE OUTUBRO – 8º 1ª**

Na aula de dia 24 de outubro de 2012, leccionada à turma 8º 1ª (ver anexo 2), foi estimulada a interpretação de documentos com vista à aquisição, compreensão, aplicação e análise de conhecimentos através da observação dos mapas-mundo temáticos (ver anexo 3: 1-9) dos principais indicadores demográficos.

Essa observação permitiu aos alunos analisar *os diferentes padrões da distribuição da população e do povoamento*, assim como verificar as *desigualdades nos níveis de desenvolvimento mundial*. A turma realizou esta atividade com entusiasmo, tendo tido um papel cooperante com a professora estagiária. – *Emprestaram-me os seus olhos e eu emprestei-lhes o conhecimento científico*. Desta cooperação resultou uma verdadeira interpretação exaustiva baseada na curiosidade e interesse.

A visualização dos mapas-mundo temáticos tinha como primeiro objectivo transmitir aos alunos que quando exploramos um documento, seja ele qual for, é fundamental ter em atenção: o título, que representa o assunto; a data; a legenda e a fonte. Só depois de adquiridos estes conhecimentos é que se pode partir para a interpretação dos conteúdos representados no mapa.



Num segundo momento procedeu-se à análise do *Comportamento dos Indicadores Demográficos*, nos *Países Desenvolvidos* (PD) e nos *Países em Desenvolvimento* (PED) (ver anexo 3: p.10-14). Recorreu-se à elaboração de um quadro síntese (ver anexo 3: p.15), para consolidar a compreensão do comportamento dos indicadores demográficos, nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento.

A execução da ficha de trabalho (ver anexo 4) teve como objectivos: o cálculo dos *Indicadores Demográficos* e a interpretação dos seus resultados; a análise de um gráfico com base no valor do *Índice Sintético de Fecundidade* que garanta a renovação de gerações; a interpretação de um gráfico com vista a efetuar uma comparação causal entre dois países com distintos valores de Esperança Média de Vida e a observação de um mapa-mundo temático para estabelecer a descrição dos principais contrastes na distribuição da Taxa de Mortalidade Infantil.

A avaliação desta experiência de aprendizagem foi concretizada através da resolução de uma ficha de trabalho e da observação direta dos alunos (ver anexo 24) tendo em conta os seguintes itens: a disciplina, a autonomia, o interesse e a responsabilidade na execução e na interpretação das questões apresentadas nas tarefas solicitadas. Os resultados obtidos, pelos alunos, foram muito positivos.

### **AULA DE 31 DE OUTUBRO – 8º 1ª**

Na aula de 31 de outubro de 2012 (ver anexo 5) introduziu-se o subtema: *Estrutura Etária da População*. Analisando o Programa de 8º ano de Geografia enquadraram-se as atividades na *representação e caracterização da estrutura etária da população*, a partir de exemplos tipo e da construção de uma pirâmide etária; identificaram-se, ainda, diversos fatores que interferem na evolução da composição da população por grupos etários e sexo. A abordagem ao subtema *Estrutura Etária da População* pretendeu desenvolver com os alunos novos conhecimentos, a fim de tratar a

informação geográfica de forma autónoma, clara e adequada, representando-a em gráfico (pirâmide etária).

Para ajudar à explanação recorreu-se à visualização de uma apresentação digital (ver anexo 6). Na sua construção teve-se o cuidado de pensar o recurso de modo didáctico e interactivo, para que os alunos chegassem a conclusões pertinentes sobre o tema.

Introduziram-se os conceitos: *faixa etária, grupo etário e classe oca*. Caracterizaram-se os quatro tipos de pirâmides etárias e deu-se a conhecer o exemplo português, onde se estabeleceu a comparação entre os anos 1950 e 2005. Foi solicitado aos alunos que fizessem o registo dos novos conceitos e vocabulário no caderno diário, a fim de continuar a organização do glossário.

Num segundo momento utilizou-se como estratégia de motivação a construção de um documento. Propôs-se aos alunos que individualmente desenhassem uma pirâmide etária, com recurso ao guião fornecido (ver anexo 7). Normalmente esta é uma atividade didáctica apreciada pelos alunos. A construção de uma pirâmide etária procurou treinar os alunos na elaboração de um desenho de um duplo gráfico de barras. Esta atividade é recomendada pelo Ministério da Educação devido ao auxílio que presta à interpretação de pirâmides etárias.

A avaliação da actividade foi executada com base na elaboração de uma Pirâmide Etária e na observação directa dos alunos (anexo 25), no que diz respeito à disciplina, à autonomia, ao interesse e à responsabilidade na execução de todas as tarefas solicitadas. A atividade resultou com excelente aproveitamento, tendo a totalidade dos alunos desenhado correctamente a pirâmide etária, dentro dos parâmetros e tempo previstos.

## **A TURMA 8º CEF DO CURSO IOSI**

Na disciplina de CMA com o 1º ano da turma de IOSI, lecionou-se o módulo B9 – *Identidade e Democracia*. Esta disciplina é a componente de formação sociocultural, dos planos de estudos dos Cursos de Educação e Formação (CEF), sendo este um currículo alternativo vocacionado para os alunos em risco de abandono precoce ou insucesso repetido. O desenvolvimento das aprendizagens é feito através do saber viver como cidadãos responsáveis.

Na turma IOSI foi trabalhada, pelo menos, uma atividade lúdica por aula, de forma a captar a atenção e despertar a vontade de aprender novos conceitos e conteúdos. Isto sem nunca deixar de trabalhar a interpretação e análise de documentos, que afinal foi o objectivo proposto. Recorreu-se exaustivamente à utilização da imagem, como elemento didáctico, por conseguinte apelativa. A imagem, quer estática, quer animada, é uma linguagem bem aceite pelos alunos.

### **AULA DE 20 NOVEMBRO – 8º CEF DO CURSO IOSI**

Uma das atividades mais interactiva desenvolvida com a turma recorreu à utilização de um esquema conceptual das principais características dos regimes: Autoritário *versus* Democrático.

Esta actividade começou pela distribuição aleatória de cartões (dois por aluno). Cada cartão continha uma das características dos regimes. O quadro dividiu-se a meio tendo à esquerda o regime autoritário e à direita o regime democrático. Seguidamente, por ordem da professora estagiária, cada aluno leu em voz alta um cartão. Classificou-o e fez o seu registo no respectivo regime. Em debate ordeiro questionou-se os colegas, sobre a classificação do cartão. A professora estagiária só interveio quando a maioria escolheu a opção errada. Só com o recurso a este tipo de atividades foi possível orientar os alunos para a apreensão e consolidação de novos conhecimentos.

Em suma, na Prática de Ensino Supervisionada em Geografia, por via das atividades propostas, das metodologias utilizadas, da convivência em ambiente cordial e disciplinado, foi possível aos alunos a aquisição e a consolidação de novos conhecimentos e competências.

## **II.4 ATIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR**

Durante o período de tempo em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, na Escola Secundária de Alvide, não foi possível a apresentação de propostas de *Atividades de Complemento Curricular*. Devido à conjuntura económica atual, a escola decidiu reduzir ao máximo este tipo de atividades, não mostrando abertura à organização de qualquer atividade, que não as incluídas no *Plano Anual de Atividades* (PAA).

Com a turma de CEF de *Instalação e Operação de Sistemas Informáticos (IOSI)*, nos dias 18 e 25 de outubro de 2012, participámos numa atividade dinamizada pela Câmara Municipal de Cascais: *Cascais é [Al]cool – A cena do álcool na tua vida... dá que pensar*, inserida no Plano Anual de Atividades. Junto com o professor cooperante, acompanhámos os alunos ao longo da atividade. Assistimos à palestra de sensibilização sobre os efeitos do álcool e as drogas, monitorada por dois técnicos da C. M. Cascais. Seguidamente, os alunos participaram numa actividade lúdica composta pela construção de um *Puzzle temático*, de grandes dimensões. Por fim colaboraram na execução do panfleto da iniciativa, do tipo concurso de ideias, no qual os alunos acrescentavam um elemento ou ideia. O panfleto publicitário, criado nesta escola, culminou num trabalho de todos e para todos (ver anexo 8).

Este tipo de atividade junto de turmas com as características anteriormente mencionadas será sempre muito útil para a prevenção dos abusos do álcool e das drogas. Pensamos ter sido enriquecedora a nossa colaboração neste tipo de atividade.

## **CAPÍTULO III A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM HISTÓRIA**

A Prática de Ensino Supervisionada em História teve lugar na Escola EB 2/3 José Cardoso Pires, durante o segundo semestre do ano lectivo 2012/2013, sob a orientação da professora cooperante Maria do Carmo Martins. O trabalho foi desenvolvido com três turmas do 7º ano: 7º 2ª, 7º 3ª e 7º 4ª.

A direção da Escola EB 2/3 José Cardoso Pires mostrou-se muito inquieta com a possibilidade de ocorrerem graves incidentes durante a nossa Prática de Ensino Supervisionada, por esta ser uma escola Território Educativo de Intervenção Prioritário, com alunos bastante problemáticos. O papel da professora cooperante foi decisivo para que a direção nos recebesse de forma menos apreensiva. Com o decorrer da nossa prática, a atitude da direção alterou-se e tornou-se mesmo positiva.

Tanto a médio como a curto prazo, as atividades curriculares foram planificadas de acordo com os modelos de planificação adotados pela escola (ver anexos 9, 10 e 13). A planificação das aulas é fulcral para um bom desempenho do docente, fundamental para a aquisição de competências por parte dos alunos.

«Na perspectiva construtivista a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem atividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever atividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender.» (Alves, Braga, Freitas & Vilas-Boas, 2004, p.27).

De acordo com o tema deste relatório, durante a Prática de Ensino Supervisionada em História foram utilizadas estratégias no contexto de sala de aula visando o desenvolvimento de grande parte das competências constantes no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2002, p.92), em particular, nas competências específicas da História:

- «Tratamento da informação e a utilização de fontes – de informação histórica diversas a partir da interpretação e análise de fontes com mensagens e linguagens variadas sejam elas textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos ou quadros;
- Compreensão Histórica – ler, interpretar e analisar documentos escritos e iconográficos, contextualizando eventos e processos;
- Comunicação em História – decodificar adequadamente os documentos históricos, selecionando criticamente a informação e respondendo com correcção linguística e concetual às questões colocadas.»

### **III.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A EB 2/3 José Cardoso Pires localiza-se na, agora extinta, freguesia de Casal de São Brás uma das onze freguesias do concelho da Amadora, sendo com 26.263 habitantes a mais populosa (INE, *Censos 2011*). Quanto à população activa, 67% pertence ao Sector Terciário (comércio e serviços). A sua origem remonta a 12 de Julho 1997, portanto, uma jovem freguesia. Com o reordenamento do poder local, o concelho da Amadora passou a ter 6 freguesias. Das muitas alterações existentes, as freguesias da Mina e de Casal de São Brás fundem-se na Freguesia de Mina de Água.

Quanto à população escolar, para o ano lectivo 2012/2013 existiam 25 turmas, onde estavam matriculados 603 alunos, sendo a média aritmética de 24,12 alunos por turma, no intervalo do 5º ao 9º ano. A escola tinha 4,6% de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e 17,5% com Português Língua Não Materna (PLNM). Cerca de

44,9% dos alunos tinham apoio social escolar, tratando-se, por conseguinte, de uma população economicamente carenciada.

No que diz respeito aos pais e encarregados de educação, os dados indicam que mais de metade é detentora da escolaridade básica e exerce profissões no sector terciário. O agrupamento tem atuado ativamente para envolver os pais e encarregados de educação nas atividades escolares. Ainda longe do ideal esse envolvimento tem vindo a aumentar.

O agrupamento de Escolas José Cardoso Pires pertence ao programa *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)*. Complementa a sua oferta de ensino regular com os Percursos Curriculares Alternativos e com os Cursos de Educação e Formação, destinados a alunos com um historial identificado de insucesso no ensino regular. Esta diversificação de planos de estudo pretende evitar o abandono precoce e o insucesso escolar. Esta é uma escola inclusiva e detém capacidade para receber alunos com deficiências múltiplas. Está preparada para dar resposta às necessidades dos alunos com características especiais.

Por se tratar de uma escola pertencente ao programa *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)* recebe regularmente visitas da Inspeção Escolar. Esse fato levou a que tivessem assistido a aulas da professora cooperante Maria do Carmo Martins com as turmas que lecionámos. Não foi assistida qualquer aula lecionada pelas professoras estagiárias, embora, em conversa informal com os inspectores, estes tenham frisado com agrado a impressão positiva descrita pelos alunos, do trabalho realizado com eles por parte das professoras estagiárias. Não se conhece se esta impressão foi relatada oficialmente.

### **III.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS**

Passa-se a descrever, muito sucintamente, a caracterização das turmas, apenas como enquadramento básico da população estudantil que lecionámos.

### **III.2.1 A TURMA 7<sup>o</sup> 2<sup>a</sup>**

A turma era, nos planos socioeconómico e cultural, bastante heterogénea. Constituída inicialmente por 29 alunos, um foi transferido. Dos 28 alunos, quanto ao género, 50% eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino. A média de idades do grupo era de 12,7 anos, no intervalo dos 11 aos 18 anos. Existiam 6 alunos repetentes (21,4%). Quanto à Ação Social Escolar recebiam apoios nove alunos (32,1%).

Existia uma aluna que pertencia ao Programa das Nações Unidas para os Refugiados que não falava o português (nacionalidade egípcia). Nesta turma existiam seis alunos de Currículos Específicos Individuais (CEI), com quadros tão específicos como autismo, dislexia, mudez, entre outros.

Ao nível do comportamento, a turma não apresentava problemas de maior, excetuando dois alunos do sexo masculino, que por vezes perturbavam o bom funcionamento da aula.

### **III.2.2 A TURMA 7<sup>o</sup> 3<sup>o</sup>**

A turma era, nos planos socioeconómico e cultural, bastante heterogénea. Constituída inicialmente por 31 alunos, quatro foram transferidos. Dos 27 alunos, quanto ao género, 51,9% eram do sexo feminino e 48,1% do sexo masculino. A média de idades do grupo era de 12,6 anos, no intervalo dos 11 aos 16 anos. Existiam 5 alunos repetentes (18,5%). Nesta turma existiam doze alunos (44,4%) que recebiam apoios da Ação Social Escolar.

Ao nível do comportamento, esta era uma turma bastante agitada, que por vezes perturbava o bom funcionamento da aula.



### **III.2.3 A TURMA 7<sup>o</sup> 4<sup>a</sup>**

A turma era nos planos socioeconómico e cultural, bastante heterogénea. Constituída inicialmente por 31 alunos, um foi transferido. Dos 30 alunos, quanto ao género, 63,3% eram do sexo feminino e 36,7% do sexo masculino. A média de idades do grupo era de 12,6 anos, no intervalo dos 12 aos 15 anos. Existiam 5 alunos repetentes (16,7%). Nesta turma, vinte um alunos (70,0%), recebiam apoios da Ação Social Escolar, evidenciando problemas graves de carência socioeconómica.

Ao nível do comportamento, a turma não apresentava problemas de maior, excetuando a própria dimensão da turma o que, por vezes, originava muito ruído. Ainda assim, este era fácil de controlar e obtinham-se bons ritmos de trabalho.

## **III.3 ATIVIDADES CURRICULARES**

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada em História desenvolveram-se inúmeras atividades tendo como pano de fundo o tema do presente relatório: *A Interpretação de Documentos no Ensino da História e da Geografia: análise e construção de documentos escritos e gráficos*. Pretendia-se que os alunos interpretassem a informação contida nos diferentes recursos construídos: lida num texto escrito ou iconográfico; visualizada numa imagem; analisada em gráficos, tabelas ou mapas. A finalidade era permitir a compreensão da informação e a sua situação espacial e temporal.

No decorrer da leção foi estabelecida uma continuidade com o trabalho desenvolvido pela professora cooperante. Essa continuidade foi cuidadosamente articulada entre as professoras estagiárias, devido à calendarização e pela alternância semanal como lecionámos às três turmas de 7<sup>o</sup> ano. A complementaridade pedagógica e didática desenvolvida pelas professoras estagiárias foi importante para a funcionalidade do processo ensino/aprendizagem dos alunos, em contexto de sala de aula.

Nesta escola os equipamentos de retroprojeção não estavam equipados com tela branca nas três salas em que lecionámos. Em duas das salas os equipamentos só ficaram funcionais praticamente no final da leção. Como tal, a professora cooperante orientou-nos no sentido de utilizar o manual adotado pela escola, como base de trabalho ao desenvolvimento das aulas. Justificou-se ainda pela conjuntura económica atual e pelo esforço que pais e encarregados de educação fizeram na aquisição de manuais escolares.

Estes incidentes, alheios à nossa vontade, tornaram-se muito importantes para a evolução do desempenho enquanto docente: planificar as aulas com base naquele que normalmente seria o plano B, e ainda por sua vez definir alternativas a ele, recorrendo-lhe caso eventualmente fosse necessário. O recurso a apresentações digitais construídas para o efeito não foi utilizado, tanto quanto o desejado, pelos motivos anteriormente mencionados. A abordagem e exploração dos diversos documentos em estudo foi planificada, de forma distinta para as três turmas, com o objetivo de adequar a metodologia da melhor forma para privilegiar as características das turmas.

Os recursos utilizados durante a Prática de Ensino Supervisionada em História, que foram construídos propositadamente para o efeito, salvaguardaram as características específicas das turmas e deram particular atenção ao grupo de CEI da turma 7<sup>o</sup>2<sup>a</sup> e da aluna ao abrigo do Programa das Nações Unidas para os Refugiados, embora esta não estivesse referenciada.

A abordagem aos recursos construídos e ao manual realizou-se de forma a facilitar a compreensão dos novos conteúdos programáticos. Esta pretendeu-se sempre clara e motivadora da participação dos alunos. Foram lecionadas aulas centradas nos alunos. O papel da professora estagiária foi sempre o de orientar os alunos para o cumprimento das tarefas solicitadas. Pensamos que a orientação da professora, de desenvolver uma relação de apoio, esclarecimento e ajuda, foi fundamental para a concretização positiva do processo ensino/aprendizagem.

Estabeleceu-se um bom relacionamento interpessoal, baseado na disciplina e no respeito mútuo, para desenvolver com sucesso todas as atividades propostas, ainda que a aula de História fosse a última da semana de duas turmas (7<sup>o</sup> 3<sup>a</sup> e 7<sup>o</sup> 4<sup>a</sup>). Não ocorreu qualquer incidente disciplinar. Contribuiu para tal, a prévia planificação das atividades

curriculares, que possibilitou a inexistência de tempos mortos, aliada à experiência de leção da professora estagiária e à utilização da técnica do silêncio.

Foi utilizada a avaliação formativa (ver anexos 11, 12, 15 e 16) como base de uma apreciação sistemática e frequente em todos os momentos oportunos. Esta foi uma ferramenta útil no acompanhamento da evolução dos alunos no processo ensino/aprendizagem quando associada a uma avaliação informal, grelhas de observação (ver anexos 27, 28 e 29). Na ótica do professor, uma tal avaliação permitirá ajustamentos à sua prática pedagógica, selecionando as estratégias e os recursos necessários para proporcionar a cada aluno a aquisição de conhecimentos, mas também um amplo leque de novas competências, atitudes e valores.

Em relação à participação oral dos alunos em sala de aula, foi muito importante poder constatar o *feedback* obtido entre a professora e estes, o que originou muitos e relevantes momentos de partilha de conhecimentos, aplicando o desenvolvimento da competência *Comunicação em História*, procurando a correta utilização da língua portuguesa e da linguagem específica da História.

Após conhecer melhor a especificidade e a capacidade de trabalho de cada aluno, a professora estagiária disponibilizou-se para prestar apoio extra aula, no sentido de exponenciar as capacidades de cada aluno e procurar colmatar algumas dificuldades existentes. Existiu ainda total disponibilidade para apoiar a Professora Cooperante noutras atividades, incluindo as de complemento curricular.

Das diversas experiências de aprendizagem que realizámos, descrevem-se as que melhor evidenciam o trabalho efetuado.

### **AULA DE 12 DE ABRIL – 7<sup>º</sup> 3<sup>ª</sup>**

Para primeira experiência de aprendizagem escolhemos a aula de dia 12 de abril de 2013, com a turma 7<sup>º</sup> 3<sup>ª</sup>, subordinada ao subtema *A economia do império romano*. Nesta experiência recorreu-se ao debate orientado para que os alunos analisassem dois documentos escritos, constantes do manual adotado pela escola, para introduzir a

temática. O debate orientado pela professora teve como objetivo: problematizar e buscar respostas em torno de situações históricas concretas.

Os textos tinham um discurso antagónico na forma como classificavam as atitudes dos romanos, no processo de romanização, foram escritos em datas bastante díspares sendo os seus autores um chefe bretão e um cidadão romano, portanto, com realidades socioculturais diferentes.

Procurou-se ensinar aos alunos que devem sempre começar a leitura, pelo título, pois este normalmente é elucidativo do assunto. Devem também ler a legenda, pois esta contém informação preciosa à real compreensão dos documentos. Dar muita atenção à data, pois esta faz a localização temporal do documento. Identificar o autor e se é um texto adaptado. Pesquisar a biografia do autor, caso seja pertinente para interpretar o documento em estudo.

Seguidamente foram abordados os conceitos: *economia urbana, comercial e monetária*. Foi solicitado aos alunos que fizessem o registo dos novos conceitos no caderno diário, a fim de continuar a organização do glossário.

Procurou-se retratar como se desenvolvia a economia romana através da exploração dos documentos presentes no manual, referentes à subtemática:

- Mapa do império romano com as rotas comerciais e os principais produtos comercializados por rota.
- Imagem da atividade comercial numa rua da cidade de Roma (reconstituição);
- Imagem do porto de Roma (reconstituição);
- Imagem de moedas romanas;
- Texto adaptado do retórico grego Públio Élio Aristides, retirado de *Elogio a Roma*.

A interpretação destes documentos utilizou a exploração das ideias tácitas dos alunos como base para a construção do conhecimento histórico.

No que diz respeito ao mapa iniciou-se pela leitura da simbologia e convenções utilizadas nos mapas, o que permitiu a sua interpretação. Com a orientação da

professora, os alunos identificaram itinerários e percursos (rotas comerciais) dos principais fluxos / circuitos comerciais do império romano.

A análise das imagens procurou evidenciar que estes eram espaços de expansão cultural, linguística e económica.

No que se refere à leitura e interpretação do texto adaptado, este evidencia as principais características do mercado da cidade de Roma. A professora estagiária complementou a informação do documento, pois este tratava-se de um excerto, e o conhecimento dessa informação por parte dos alunos contribuiu para a compreensão histórica do documento.

Ensinar a interpretar, chamando a atenção aos alunos para pequenos pormenores que ajudam a executar uma correta leitura é preponderante para compreender verdadeiramente um documento.

Por fim, os alunos resolveram individualmente uma Ficha de Consolidação de Conhecimentos (ver anexo 11), e ainda começaram a resolução do TPC na aula (ver anexo 12), como havia sido previamente planificado. Isto para os alunos que terminassem mais cedo as atividades propostas.

A ficha de consolidação de conhecimentos propôs, entre outros elementos, o treino para a execução de esquemas e sínteses dos principais acontecimentos, do *dinamismo económico do mundo romano*, assim como a caracterização da *economia do império romano*. Para a concretização dos objectivos, os alunos elaboraram um documento escrito ou gráfico que sintetizasse as trocas comerciais estabelecidas pelo império romano. Para a posterior apresentação à turma, a professora estagiária escolheu alguns dos diferentes documentos desenvolvidos pelos alunos, os que pela originalidade e complementaridade foram representativos das trocas comerciais.

A avaliação teve em conta a observação direta (ver anexo 27) dos alunos na participação e execução das atividades desenvolvidas na aula e na resolução do TPC. Os alunos realizaram todas as atividades de aprendizagem com um aproveitamento muito positivo.

## **AULA DE 26 DE ABRIL 7º 2ª**

A segunda experiência de aprendizagem, escolhida para representar o meu trabalho na Prática de Ensino Supervisionada em História, recaiu sobre a aula de dia 26 de abril de 2013, com a turma 7º 2ª. A aula foi subordinada ao subtema: *O legado da civilização romana: o direito e o urbanismo*.

Para a turma de 7º 2ª, os planos de aula foram adaptados, tendo especial cuidado com os 6 alunos de Currículo Específico Individual e com a aluna ao abrigo do Programa das Nações Unidas para os Refugiados, de modo a que estes se pudessem desenvolver cognitivamente, sem nenhum prejuízo dos restantes elementos da turma. Foi conseguido, associando o desenvolvimento de novas capacidades de trabalho à aceitação genuína das diferenças, pelos restantes alunos da turma. Foi um passo de enorme sucesso em direção à escola inclusiva, para o qual sinto ter contribuído.

A introdução a este subtema foi feita com base nos vestígios deixados pela *Romanização da Península Ibérica*, utilizando como recurso exemplos bem ilustrativos de que dispõe o manual. Complementou-se a informação oferecida pelo manual, no que diz respeito ao legado da civilização romana, com o recurso a uma série de outros exemplos: alfabeto e língua latinos, sistema numérico, calendário, aquecimento central, banhos públicos, serviço postal e primeira brigada de incêndios. Demonstrou-se a sua origem e procurou-se estabelecer a sua utilização, quer na civilização romana quer nos nossos dias.

Os exemplos referidos foram escolhidos propositadamente com o intuito de motivar os alunos para a aprendizagem. Trata-se de evoluções introduzidas pelos romanos utilizadas ainda hoje e que os alunos conhecem; todavia, não sabiam que a sua origem remonta ao Império Romano.

Dos exemplos anteriores, o que maior atenção despertou nos alunos foi o calendário e a sua evolução. No que diz respeito ao calendário de Rómulo fez-se referência ao ano de 10 meses. Mencionou-se a introdução dos meses de janeiro e fevereiro com a reformulação dada por Numa Pompílio. Foi abordada a origem do termo *bissexto*. Destacou-se o significado dos nomes de alguns meses, dando especial atenção a

julho e a agosto, designação atribuída pelo calendário Juliano. Com base nos conteúdos lecionados, em aulas anteriores, e no debate orientado pela professora estagiária, os alunos puderam concluir a quem julho e agosto prestavam homenagem.

Introduziram-se os conceitos: *direito*, *código* e *urbanismo*. Deu-se a conhecer a *lei das 12 tábuas*. Referiu-se que o *direito romano* é uma disciplina dos cursos de direito atuais. Foi solicitado aos alunos que fizessem o registo dos novos conceitos e vocabulário no caderno diário, a fim de continuar a organização do glossário.

No que diz respeito ao urbanismo procurou-se distinguir a organização do espaço urbano e arquitetónico, e a organização do espaço rural no território do império, através da interpretação de imagens constantes no manual.

Foram definidas, explicadas e analisadas as imagens fornecidas em fotocópia (ver anexo 14), que estabelecem a comparação entre os edifícios residenciais romanos e os atuais edifícios e moradias construídos em Portugal. A interpretação destas imagens foi direcionada para a componente socioeconómica das diferentes sociedades tão desfasadas no tempo. Procurou-se representar as classes sociais que habitam em cada uma e, assim, estabelecer um paralelo entre passado e presente.

Recorreu-se à análise da arquitetura:

- Desenvolvimento estrutural dos edifícios, no sentido vertical, para as classes menos favorecidas, no sentido horizontal, para as classes privilegiadas;
- Dimensão das divisões, menores para as classes menos favorecidas, maiores para as classes privilegiadas;
- Qualidade da construção – utilização de materiais menos onerosos para as classes menos favorecidas, materiais nobres para as classes privilegiadas.

Em seguida introduziu-se outra atividade, a elaboração a pares de um friso cronológico (ver anexo 15). Por orientação da professora cooperante, não foi necessário efetuar uma adaptação à atividade proposta, para os alunos do Currículo Específico Individual e a aluna do Programa das Nações Unidas para os Refugiados, por este se realizar a pares.

A construção do friso cronológico teve como objetivo verificar os diferentes ritmos de evolução da civilização romana. Quanto ao objeto de estudo deste relatório foi mais um exemplo de construção de documentos. Possibilitou aos alunos fazer a consolidação dos conteúdos programáticos, assim como o reforço das *Competências Específicas da História*, no que diz respeito à *Compreensão Histórica: espacialidade, temporalidade e contextualização*.

A metodologia de trabalho a pares na construção do friso cronológico avaliou as atitudes e valores dos alunos numa atividade de socialização. Pretendia-se exaltar a cooperação através da dinâmica de trabalho a pares, por este ser um «... trabalho de equipa como meio de promover a autonomia pessoal e a socialização.» (DEB, 1999, p.162).

Os alunos foram avaliados com base nos resultados obtidos pela execução das tarefas, através da observação direta, focada na atenção, na participação oral, na qualidade das intervenções, no interesse e na autonomia dos alunos (ver anexo 28). A atividade, trabalho a pares, decorreu com sucesso cumprindo os objetivos iniciais, bem como o tempo determinado para o efeito. Com a construção do friso cronológico experienciámos como esta atividade ajuda a organizar os conteúdos e como é tão importante para a apreensão, memorização e consolidação dos conhecimentos transmitidos.

Por fim os alunos resolveram uma Ficha de Consolidação de Conhecimentos (ver anexo 16). Para os alunos de Currículo Específico Individual e para a aluna ao abrigo do Programa das Nações Unidas para os Refugiados, esta foi adaptada (ver anexo 17), tendo em atenção as suas especificidades, tal como estava previsto na Planificação das Experiências de Aprendizagem. Esta ficha teve como principal objetivo estabelecer a definição de *direito* e analisar o *urbanismo* do império romano.

A aula teve como principal objetivo dar a conhecer aos alunos o legado da civilização romana, a aquisição de novos conceitos, *direito e urbanismo*, e verificar o seu legado na nossa civilização. Todas as atividades de aprendizagem foram plenamente conseguidas, pois tanto os objetivos como os tempos previstos foram cumpridos com sucesso pelos alunos.



No dia 17 de maio de 2013, a última atividade curricular, em que orientámos os alunos, foi na construção de uma síntese escrita, desempenhada com muito bons resultados, reflexo dos treinos de concentração baseados na leitura, escrita e análise pormenorizada de documentos (ver anexo 29).

Foi dada especial atenção a todo o trabalho de interpretação de documentos que foi possível fazer com os alunos. Os benefícios que esta traz quer no desenvolvimento cognitivo, quer na formação, só são possíveis através do exercício da leitura. Estando os alunos cada vez mais expostos a todo o tipo de informação, o papel da escola pode, por vezes, fazer toda a diferença, ao fornecer ferramentas fundamentais aos alunos para tomarem as melhores opções, assentes na interpretação da informação e na análise clara e correta que só o conhecimento pode dar e, assim, contribuir para a formação de futuros cidadãos esclarecidos.

### **III.4 ATIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR**

#### **ATIVIDADE: *POR MAR SEMPRE NAVEGADO***

No que concerne ao 2º Semestre e dando cumprimento ao Plano Anual de Atividades da Escola EB 2/3 José Cardoso Pires, no dia 14 de março de 2013 teve lugar na Biblioteca da Escola a atividade *Por Mar Sempre Navegado*. Esta atividade integrada na Semana da Leitura realizou-se entre 11 e 15 de março de 2013 (ver anexo 18), intitulada *Ler o Mar* no âmbito do Plano Nacional de Leitura. Acompanhámos os alunos da turma de *Percurso Curricular Alternativo (PCA) – 7º 1ª*.

As professoras estagiárias desenvolveram uma apresentação digital baseada na temática o *Mar*, para a qual foi escolhido e adaptado um texto de Orlando Ribeiro (1945) (ver anexo 19), retirado da obra *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. A adaptação do

texto procurou enfatizar a presença dos diferentes povos que passaram pela Península Ibérica, privilegiando a sua localização geográfica, tendo o mar como pano de fundo.

A atividade terminou com a realização de uma Ficha de Trabalho (ver anexo 20), elaborada pelas professoras estagiárias. Para esta atividade foram desenvolvidos materiais adequados à especificidade da turma. Foi realizada a avaliação desta atividade quer pelos alunos, sendo o inquérito parte integrante da ficha de trabalho, quer por um grupo de professores afetos à atividade (ver anexo 21). Esta foi a primeira atividade que realizámos, sugerida pela professora cooperante, acolhida por nós com bastante entusiasmo, tendo decorrido com sucesso (ver anexo 26).

### ***Atividade: Arqueólogo Por Um Dia***

Cooperámos na última fase no projeto que a escola desenvolveu ao longo do ano letivo, *Arqueólogo por um dia*. Acompanhámos os alunos na visita de estudo ao Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira. A turma selecionada foi 7<sup>º</sup> 1<sup>ª</sup>, a autora da melhor maquete, eleita anteriormente em concurso e alguns alunos das restantes turmas de 7<sup>º</sup> ano de escolaridade. Aos alunos foi proposta a realização de uma atividade prática no sítio arqueológico da Vila Romana da Quinta da Bolacha (ver anexo 23). Esta visita de estudo realizou-se durante a manhã do dia 11 de abril de 2013 sem qualquer incidente e com contributo para o enriquecimento curricular dos alunos.

### ***Atividade: Exposição Os Romanos em Portugal***

Co-organizámos a exposição intitulada *Os Romanos em Portugal* exposta no espaço escolar, associada à temática lecionada em sala de aula, e que teve como objetivo demonstrar o legado deixado pela Civilização Romana em Portugal. Do conjunto das cidades portuguesas composto por Braga, Chaves, Conímbriga, Lisboa, Évora e Faro,

solicitou-se a pesquisa sobre duas cidades a cada turma. Essa pesquisa foi orientada de forma que os alunos identificassem vestígios deixados pela civilização romana. Esta atividade foi desenvolvida durante o 3º período letivo, culminando com a montagem da exposição (ver anexo 22), com a colaboração ativa dos alunos.

## **CONCLUSÃO**

Com a elaboração do presente relatório concluiu-se a formação inicial de professores. Esta etapa propiciou a partilha de experiências e a reflexão sobre os recursos e as estratégias de aprendizagem utilizados. Devido a ser licenciada em Ciência Política / Relações Internacionais, a Prática de Ensino Supervisionada em Geografia e em História teve para mim um papel muito importante. Por ser um modo de adquirir orientação, nos procedimentos próprios destas áreas disciplinares, foi uma etapa preponderante para o futuro exercício da docência.

A Prática de Ensino Supervisionada teve lugar em duas escolas, pelo que pude vivenciar experiências de aprendizagem em duas realidades distintas.

A Prática de Ensino Supervisionada na área disciplinar da Geografia foi desenvolvida num ambiente pautado pela cordialidade e disciplina, e este só foi possível devido à utilização de estratégias de aprendizagem adequadas às turmas. A forma como se efetuou a abordagem aos conteúdos associada à escolha das atividades desenvolvidas foi potenciadora do sucesso no processo ensino/aprendizagem.

A Prática de Ensino Supervisionada na área disciplinar da História teve lugar em outra escola e iniciou-se a meio do ano letivo. Para atenuar essa circunstância procedeu-se ao conhecimento da professora cooperante, da direção da escola e do espaço escolar no início do ano lectivo. Ainda durante o primeiro semestre, para que a integração na escola não fosse efetuada de uma forma abrupta, foi mantido contacto com a professora cooperante a fim de definir a calendarização e conhecer as especificidades das turmas a quem iríamos leccionar.

A Prática de Ensino Supervisionada na área disciplinar da História permitiu a aplicação dos conhecimentos científicos com o recurso às estratégias e metodologias de aprendizagem que julgámos serem mais adequadas aos alunos e que melhor demonstravam os conteúdos programáticos em estudo. A lecionação das aulas foi centrada nos alunos privilegiando a comunicação. Sem dúvida ensinar é comunicar e essa comunicação assentou na exploração do mais variado tipo de documentos, onde se estabeleceu uma verdadeira partilha de conhecimentos através do diálogo professor/alunos e aluno/alunos com a utilização das metodologias mais interativas possíveis, no contexto de sala de aula.

O desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em duas escolas distintas foi bastante enriquecedor, pois o conhecimento de diferentes realidades, com diferentes problemas, e consequentemente com a busca de diferentes soluções, tornou-se uma mais-valia no desempenho profissional da docência.

A interpretação de textos, desenvolvida no âmbito das disciplinas de História e de Geografia, ajudou os alunos a ler e a escrever com correcção a língua portuguesa, o que foi uma mais-valia para a educação nas diversas áreas disciplinares e está de acordo com as indicações do Plano Nacional de Leitura. No que diz respeito à imagem, estática ou animada, como linguagem para a transmissão de conhecimento e devidamente interpretada, originou novas possibilidades no processo ensino/ aprendizagem.

O repetido exercício da interpretação de variados tipos de documentos possibilitou aos alunos a compreensão dos conteúdos programáticos e não apenas a sua memorização. O recurso a discussões e/ou debates orientados, em que os alunos partiram duma situação problema, proporcionou o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e aumentou a sua autonomia. Estas atividades foram realizadas assentes no respeito mútuo e foram também dinamizadoras das atitudes e valores adequados, tão almejados pelo Ministério da Educação.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada experienciou-se o quanto a interpretação de documentos foi motivadora do interesse e da participação dos alunos, o que culminou no desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de competências de trabalho, resultando na aquisição de novos conhecimentos.

O papel do professor e da escola está em constante evolução. No passado os alunos obtinham informação do mundo apenas pelos ensinamentos de seus mestres, na actualidade, esta informação advém também dos *mass-media*, aqui sem qualquer filtração. Anteriormente o papel do professor seria dar a conhecer o mundo, actualmente será o de fornecer competências necessárias à interpretação que possibilite a compreensão do mesmo, garantindo assim a formação de futuros cidadãos informados e esclarecidos, com capacidade crítica para descodificarem as mensagens, cada vez mais apelativas com que são bombardeados no dia-a-dia.

«Já passou o tempo em que o essencial da informação sobre o mundo provinha da sala de aula, dos mapas pendurados na paredes ou destes engenhosos livros de leitura (...). O professor deixou de ser o único sábio da aldeia ou vila, capaz de ministrar conhecimentos sobre o Mundo» (Daveu<sup>14</sup>, 1984, p. 255).

---

<sup>14</sup> – Suzanne Blanche Daveu Ribeiro, Doutora *Honoris Causa* pela *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, investigadora do *Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa*. Discípula do conhecido geógrafo Orlando Ribeiro, proffícua autora de inúmeras publicações.

## BIBLIOGRAFIA

- Agrupamento de Escolas de Alvide, (2009). *Projecto Curricular do Agrupamento de Escolas de Alvide (2009/2010)*. Consult. em 23/10/2012 in [URL: <http://www.esalvide.edu.pt/wp-content/uploads/2012/06/ProjectoCurricular.pdf>].
- Agrupamento de Escolas José Cardoso Pires, (2013) Projeto educativo 2012/2015. Consult. em 12/04/2013, in [URL: [http://www2.eb23-jose-cardoso-pires.rcts.pt/direcao/projetoeducativo\\_2012-2015.pdf](http://www2.eb23-jose-cardoso-pires.rcts.pt/direcao/projetoeducativo_2012-2015.pdf)].
- Alegria, M. F. (2003). Ensinar geografia numa sociedade mediática. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, XIX*, Porto, p. 11-24.
- Alegria, M. F. (2004). Imagem, imaginação, geografia. *Apogeo, 27/28*, Lisboa, p. 4-9.
- Alegria, M. F. (2005). Representações sobre a imagem na aprendizagem geográfica. *Finisterra, XL, 79*, Lisboa, p. 177-193.
- Alegria, M. F. (2010). Geografias do mundo imaginado. *Finisterra, vol. XLV, 89*, Lisboa, p. 27-46.
- Arends, R (2004). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Alves, M. E. M.; Braga, F.; Freitas, M. J. V. & Vilas-Boas, F. M.G. (2004). *Planificações: novos modelos – Dos projectos de planificação à planificação em projecto*. Porto: Edições ASA.
- Calado, Isabel (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- Chaves, J.; Lima, I. & Vasconcelos, F. (1993). A imagem – da publicidade ao ensino. *Revista Portuguesa de Educação, 6(3)*, p. 103-111.
- Chaves, J. H.; Coutinho, C. P. & Dias, M. (1993). A Imagem no ensino de crianças com necessidades educativas especiais. *Revista Portuguesa de Educação, 6(3)*, p. 57-66.
- Daveau, S. (1994). Visão do mundo, televisão, ensino da geografia. *Finisterra, XIX, 38*, Lisboa, p. 252-256
- Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário (1991). *Programa de história: Plano de organização do processo de ensino-aprendizagem no 3º ciclo do Ensino Básico, vol. II, 4ª Ed.* Lisboa: Ministério da Educação.

- Direcção-Geral da Formação Vocacional e Educação (2006). *Programa da disciplina de Cidadania e Mundo Actual*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Departamento da Educação Básica (1999). *História. Plano de organização do ensino aprendizagem, Vol. I*. Lisboa: Ministério da Educação. p.119-148.
- Departamento da Educação Básica (2002). *Geografia – Orientações Curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Departamento da Educação Básica (2006). *Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação. p.85-125.
- Delors, J. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo, Cortez.
- Drapeau, C. (1996). *Aprender aprendendo*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção Horizontes Pedagógicos.
- Duborgel, B. (1992). *Imaginário e pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget. Coleção Horizontes Pedagógicos.
- Einstein, A. (1936). *Conselhos para a educação*. Discursos. Consult. em 20/05/2013 in [URL: <http://www.citador.pt/textos/conselhos-para-o-ensino-albert-einstein>].
- Freire, P. (1983). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- Félix, N. & Roldão, M. (1996). *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico: História*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Fusari, J. C. (2008). *O planeamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas*. Consult. em 2/06/2013, in [URL: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_08\\_p044-053\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf)].
- Gadamer, H. (1998). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- Gadotti, M. (2000). *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, ArtMed.
- Goodman, K. S. (1967). Reading: A psycholinguistic guessing game. *Journal of Reading Specialist*, 6(4), p.126-135.
- Joly, M. (1994). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Manguel, A. (2003). *Lendo imagens*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moderno, A. (1992). *A comunicação audiovisual no processo didáctico*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, J. J. (1996). *A arte de ler*. São Paulo: UNESP.
- Moran, J. M. (1995). O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA- Editora Moderna, [2]: 27-35, jan./abr. Consult. em 16/08/2013 in [URL: <http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm#informação>].



SMITH, F. (2003). *Compreendendo a Leitura; uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artmed.

Taddei, N. (1981). *Educar com a imagem*. São Paulo: Edições Loyola.

Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem – Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições Asa.

# ANEXOS

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 01 – PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO DE GEOGRAFIA 8º ANO .....	II
ANEXO 02 – PLANO DE AULA DA TURMA 8º 1ª DE 24 DE OUTUBRO DE 2012 .....	III
ANEXO 03 – APRESENTAÇÃO DIGITAL: <i>POPULAÇÃO 2</i> .....	V
ANEXO 04 – FICHA DE TRABALHO: <i>INDICADORES DEMOGRÁFICOS</i> .....	XIII
ANEXO 05 – PLANO DE AULA TURMA 8º 1ª DE 31 DE OUTUBRO DE 2012.....	XVII
ANEXO 06 – APRESENTAÇÃO DIGITAL: <i>ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO</i> .....	XIX
ANEXO 07 – GUIÃO DO ALUNO: <i>CONSTRUÇÃO DE UMA PIRÂMIDE ETÁRIA</i> .....	XXIII
ANEXO 08 – ATIVIDADE: ELABORAÇÃO DO PANFLETO – <i>AL[COOL]</i> .....	XXV
ANEXO 09 – PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO DE HISTÓRIA 7º ANO .....	XXVII
ANEXO 10 – PLANO DE AULA DA TURMA 7º 3ª DE 12 DE ABRIL DE 2013 .....	XXXI
ANEXO 11 – FICHA DE CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS: <i>ECONOMIA NO IMPÉRIO ROMANO</i> .....	XXXIII
ANEXO 12 – TPC: ECONOMIA NO IMPÉRIO ROMANO .....	XXXV
ANEXO 13 – PLANO DE AULA DA TURMA 7º 2ª DE 26 DE ABRIL DE 2013 .....	XXXVI
ANEXO 14 – ATIVIDADE: <i>ANÁLISE DE DOCUMENTOS GRÁFICOS</i> .....	XXXVIII
ANEXO 15 – FRISO CRONOLÓGICO .....	XXXIX
ANEXO 16 – FICHA DE CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS: <i>LEGADO DA CIVILIZAÇÃO ROMANA</i> .....	XLI
ANEXO 17 – FICHA DE CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS: <i>LEGADO DA CIVILIZAÇÃO ROMANA (CEI)</i> .....	XLIV
ANEXO 18 – CALENDARIZAÇÃO DA SEMANA DA LEITURA: <i>LER O MAR</i> .....	XLV
ANEXO 19 – TEXTO ADAPTADO: <i>POR MAR SEMPRE NAVEGADO</i> .....	XLVI
ANEXO 20 – FICHA DE TRABALHO DA TURMA 7º 1ª DE 14 DE MARÇO DE 2013 .....	XLIX
ANEXO 21 – INQUÉRITO AOS PROFESSORES SOBRE A ATIVIDADE: <i>LER O MAR</i> .....	LI
ANEXO 22 – FOTOS DA EXPOSIÇÃO: <i>ROMANOS EM PORTUGAL</i> .....	LII
ANEXO 23 – FOTOS DA VISITA ESTUDO: <i>QUINTA DA BOLACHA</i> .....	LIII
ANEXO 24 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 8º 1ª DE 24/10/2012.....	LIV
ANEXO 25 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 8º 1ª DE 31/10/2012.....	LV
ANEXO 26 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 7º 1ª DE 14/03/2013.....	LVI
ANEXO 27 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 7º 3ª DE 12/04/2013.....	LVII
ANEXO 28 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 7º 2ª DE 26/04/2013 -.....	LVIII
ANEXO 29 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO 7º 4ª DE 17/05/2013.....	LIX
ANEXO 30 – TESTE SUMATIVO DE GEOGRAFIA DE 14/11/2012 (COM PROPOSTA DE RESOLUÇÃO).....	LX

**PLANIFICAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM**  
Ano lectivo 2012/13

**Geografia - 8º 1**

Agrupamento Escolar do Azeite  
ES 2, 3 de Alvide

**POPULAÇÃO E POVOAMENTO**

Sub-Tema	Experiência de Aprendizagem	Meta a Atingir (Competências)	Avaliação	Aulas Previstas
<b>Evolução da população mundial</b>	Compreender a evolução da população mundial através da observação de mapas que caracterizam a população mundial e a sua evolução.	Distinguir os Países Desenvolvidos e Países em Desenvolvimento de forma a caracterizar os três períodos de crescimento demográfico.	Grelha de observação. Observação das opções tomadas em contexto de sala de aula.	1
<b>Os indicadores demográficos</b>	Visualização da apresentação "A população: indicadores demográficos"; Conhecer os indicadores demográficos através da resolução de uma ficha de trabalho.	Explicar a importância dos indicadores demográficos; Calcular indicadores demográficos. Conhecer a distribuição mundial, tratar gráfica e cartograficamente os principais indicadores demográficos.	Grelha de observação. Actividade sobre os indicadores demográficos (validação de vários níveis de entendimento) e observação das opções tomadas em contexto de sala de aula.	5
<b>A estrutura etária da população</b>	Visualização da apresentação "A população: a estrutura etária"; Actividade construir e caracterizar uma pirâmide etária; Analisar a estrutura etária da população.	Caracterizar os diferentes tipos de pirâmides; Construir e interpretar uma pirâmide etária; Relacionar a estrutura etária da população com o nível de desenvolvimento dos países; Conhecer as consequências socioeconómicas das diferentes estruturas etárias.	Grelha de observação. Observação das opções tomadas em contexto de sala de aula. Teste Sumativo.	6

**Vanda Miranda**  
Professora estagiária

**Geografia – turma 8º1**

Tema: População e Povoamento Subtema: População



*Plano de Aula*

**24 de outubro de 2012**

Esta atividade está enquadrada num conjunto de 12 aulas sobre a população e a distribuição dos indicadores demográficos.

1ª e 2ª Aula (Lições 13 e 14) – Visualização da apresentação “A População 1”: Evolução da População Mundial e introdução aos Indicadores Demográficos (17 de outubro).

3ª Aula (Lição 15) – Continuação da visualização da apresentação “A População 1”: Indicadores Demográficos (18 de outubro).

4ª e 5ª Aula (Lições 16 e 17) – Visualização da apresentação “A População 2”: Distribuição Mundial dos Indicadores Demográficos. Fatores que condicionam os Indicadores Demográficos nos PD e nos PED. Resolução de ficha de trabalho sobre o cálculo e interpretação de indicadores demográficos (24 de outubro).

6ª Aula (Lição 18) – Correção da ficha de trabalho. Síntese dos Indicadores Demográficos. (25 de outubro).

7ª e 8ª Aula (Lições 19 e 20) – Visualização da apresentação “Estrutura Etária da População. Construção de uma pirâmide etária (31 outubro).

9ª e 10ª Aula (Lições 21 e 22) – Continuação da construção de uma pirâmide etária (7 novembro).

11ª Aula (Lição 23) – Resolução de exercícios de aplicação da estrutura etária (8 novembro).

12ª Aula (Lição 24) – Teste Sumativo (14 novembro).

**Questões Chave:**

Como se distribuem os Indicadores Demográficos?

Quais os fatores que condicionam os Indicadores Demográficos nos PD e nos PED?

**Experiência de aprendizagem:**

Compreender os fatores que condicionam a distribuição de alguns indicadores demográficos através da observação de mapas.

Sequência	Tempo	Operacionalização	
		Tarefa	Obs.
<b>I</b> Enquadramento ao tema: Indicadores Demográficos.	15'	Professor: Em debate orientado, leva os alunos às principais conclusões sobre a matéria dada. Aluno: Participa no debate	Os alunos com a colaboração do professor abordam o tema.
<b>II</b> Análise da Distribuição mundial dos Indicadores Demográficos.	20'	Professor: Mostra os mapas um a um (diapositivos 1 a 9 da apresentação digital) e solicita a interpretação aos alunos Aluno: Faz a interpretação dos mapas e encontra razões para a diferente distribuição do indicador demográfico em análise	Dever ser pedido primeiro uma interpretação do mapa e depois deve-se tentar encontrar algumas razões para a distribuição. Deve-se mostrar os mapas de Portugal apenas com uma função informativa.
<b>III</b> Fatores que condicionam a distribuição mundial dos diferentes indicadores demográficos	15'	Professor: Explica fatores dos diapositivos 10 a 15 Aluno: ---	O professor deve recorrer a exemplos para ajudar na apreensão dos novos conteúdos introduzidos.
<b>IV</b> Distribuição da Ficha de Trabalho	2'	Professor: Distribui o documento. Aluno: pode colaborar na distribuição	
<b>V</b> Explicação da Atividade	3'	Professor: Explica a atividade Aluno: ---	
<b>VI</b> Aplicação da atividade	35'	Professor: Promove a atividade e esclarece dúvidas Aluno: Resolve a ficha de trabalho	Caso os alunos não terminem a atividade dentro da sala de aula devem concluí-la em casa.

**Recursos:**

- Quadro;
- Computador;
- Máquina de calcular;
- Projetor de Vídeo;
- Ligação à Internet (opcional);

**Avaliação**

- Observação e registo da actividade em sala de aula;
- Ficha de trabalho

# A POPULAÇÃO 2



## Distribuição dos Indicadores Demográficos

Vanda Miranda  
Professora Estagiária

### TAXA DE NATALIDADE NO MUNDO EM 2011



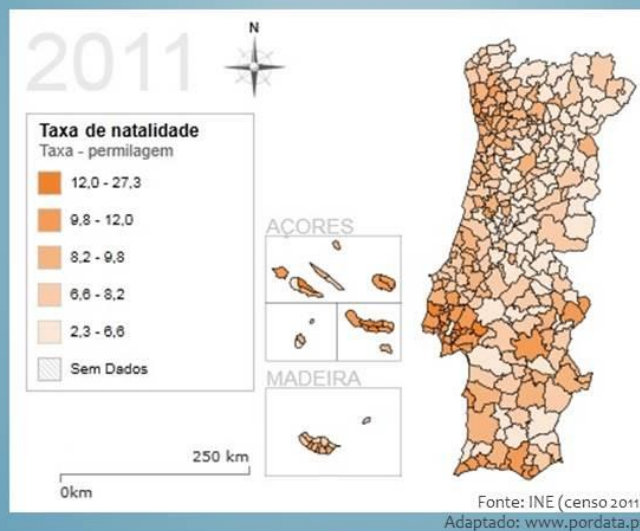
GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 2



**TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL, POR CONCELHO EM 2011**

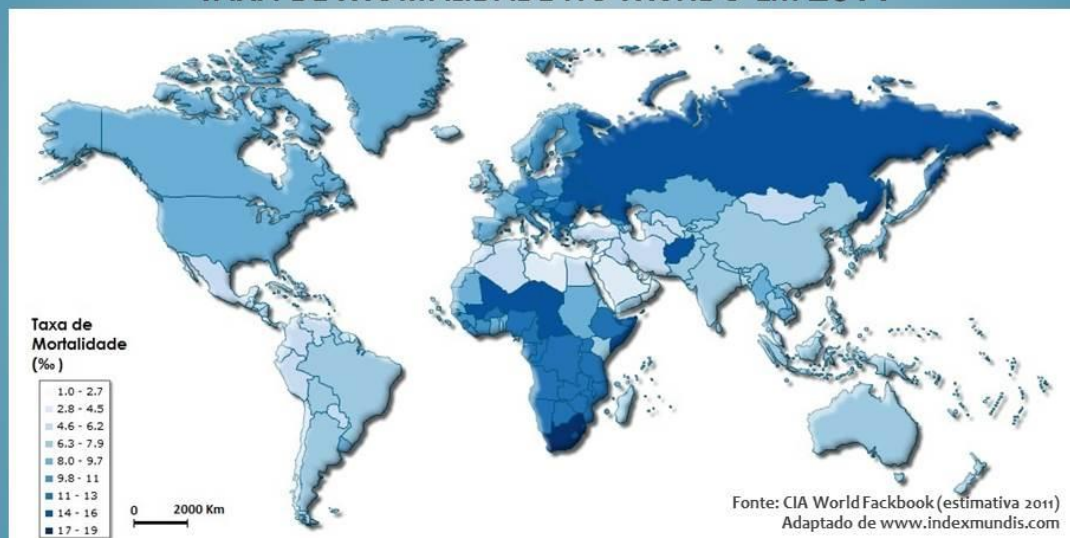


GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 3

**TAXA DE MORTALIDADE NO MUNDO EM 2011**



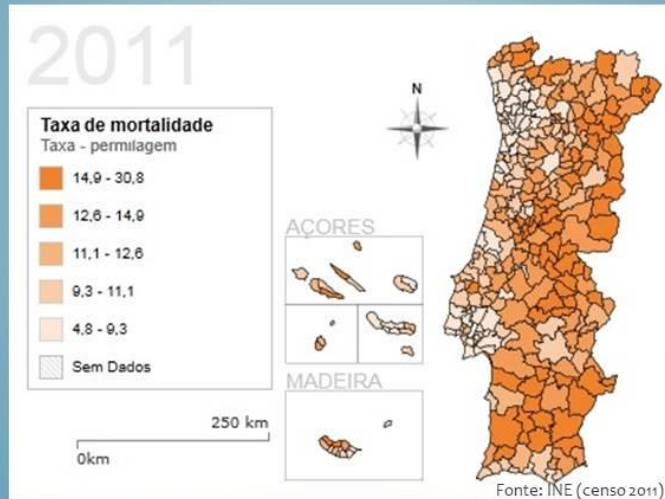
GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 4



## TAXA DE MORTALIDADE EM PORTUGAL (CONCELHO -2011)



GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 5

## TAXA DE CRESCIMENTO NATURAL NO MUNDO EM 2011

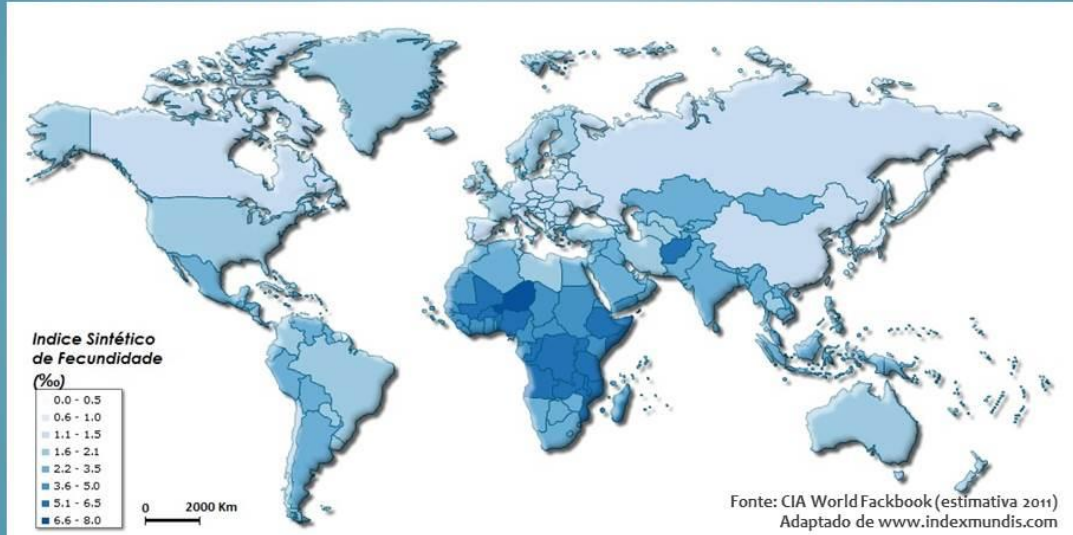


GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 6

### ÍNDICE SINTÉTICO DE FECUNDIDADE NO MUNDO EM 2011



GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 7

### ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA NO MUNDO EM 2005



GEOGRAFIA 8º ANO



Pág. 8



### FATORES QUE CONDICIONAM A TAXA DE NATALIDADE E ÍNDICE SINTÉTICO DE FECUNDIDADE NOS PD (VALORES REDUZIDOS)

- *Existência de planeamento familiar;*
- *Utilização de métodos contraceptivos;*
- *Entrada da mulher no mercado de trabalho;*
- *Aumento dos encargos com os filhos (educação, saúde);*
- *Casamento em idades tardias;*
- *Redução do número de casamentos;*
- *Adiamento do nascimento do primeiro filho.*



### **FATORES QUE CONDICIONAM A TAXA DE NATALIDADE E ÍNDICE SINTÉTICO DE FECUNDIDADE NOS PED (VALORES ELEVADOS)**

- *Taxas de analfabetismo elevadas;*
- *Reduzidas taxas de utilização de métodos contraceptivos, principalmente por oposição da religião;*
- *Aceitação da poligamia (em alguns países);*
- *Pouca participação da mulher no mercado de trabalho;*
- *Os filhos são fonte de prestígio;*
- *Casamentos em idades precoces;*

### **FATORES QUE CONDICIONAM A TAXA DE MORTALIDADE NOS PD (VALORES REDUZIDOS)**

- *Progressos na medicina (com o aparecimento de medicamentos e tratamentos);*
- *Desenvolvimento dos serviços de saúde;*
- *Melhoria da alimentação (com a modernização da agricultura);*
- *Melhoria das condições de higiene;*
- *Subida do nível de vida*

**FATORES QUE CONDICIONAM A  
TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NOS PD  
(VALORES REDUZIDOS – INFERIORES A 6 ‰)**

- *Melhoria da alimentação;*
- *Boa assistência médica (antes, durante e após o parto);*
- *Melhoria das condições de higiene;*
- *Planos de vacinação abrangentes.*

**FATORES QUE CONDICIONAM A TAXA DE MORTALIDADE  
E A TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NOS PED  
(VALORES ELEVADOS)**

- *Fome e subnutrição;*
- *Deficientes condições de saúde, higiene e habitação;*
- *Conflitos armados;*
- *Doenças infecto-contagiosas (como a SIDA, e outras).*
- *Reduzida assistência médica;*
- *Inexistência de planos de vacinação ou planos pouco abrangentes.*

### **QUADRO SÍNTESE**

Indicadores	PD	PED
Taxa de Natalidade	Reduzida	Elevada
Taxa de Mortalidade	Reduzida	Elevada
Taxa de Mortalidade Infantil	Reduzida	Elevada
Índice Sintético de Fecundidade	Reduzida	Elevada
Esperança média de vida	Elevada	Reduzida
Taxa de Crescimento Natural	Reduzida ou Negativa	Elevada



Ficha de Trabalho – Geografia 8º ano

***Indicadores Demográficos***

Países	Nº habitantes	Nº nados vivos num ano	Nº de óbitos num ano
A	96 248 000	927 998	945 068
B	56 498 000	1 812 000	721 078

Fig. 1 – Quadro de população

1. Com base na Fig. 1, **responda** às seguintes questões:

1.1. **Calcule** os seguintes indicadores demográficos, para os países A e B.

a) Taxa de natalidade.

b) Taxa de mortalidade.

c) Taxa de crescimento natural

d) Crescimento natural.

1.2. **Classifique** o Crescimento Natural dos países A e B.

2. No gráfico da Fig. 2 está representado o Índice Sintético de Fecundidade para 6 países.

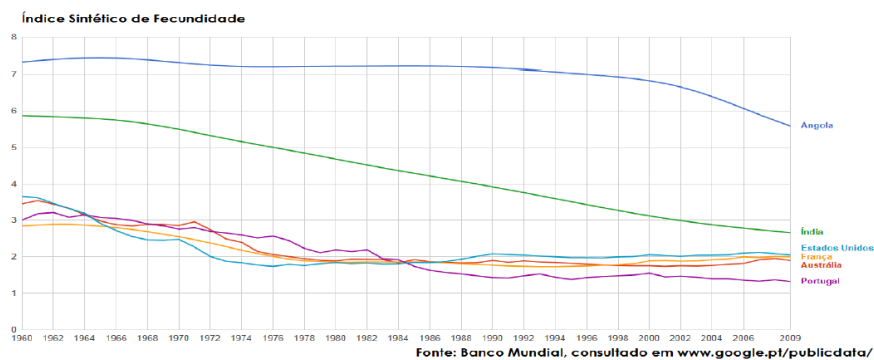


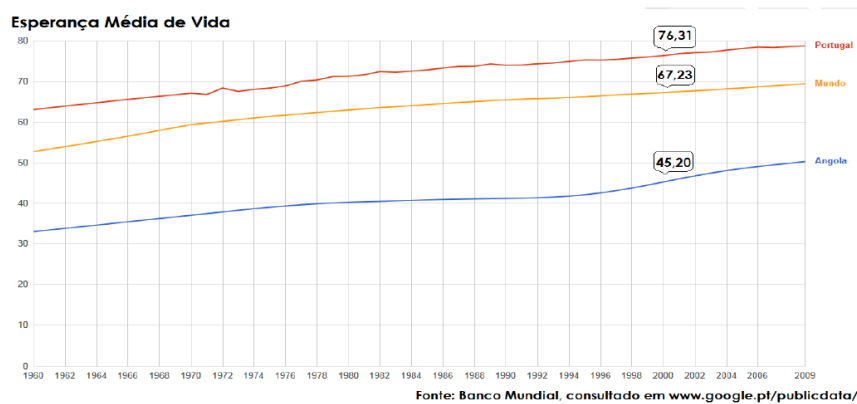
Fig. 2 – Gráfico do ISF para 6 países.

2.1. **Nomeie** os países onde se faz a renovação de gerações para a ano 1996.



2.2. **Justifique** a resposta dada na questão 2.1.

3. **Observe** atentamente o gráfico da fig. 3.



Fonfe: Banco Mundial, consultado em [www.google.pt/publicdata/](http://www.google.pt/publicdata/)

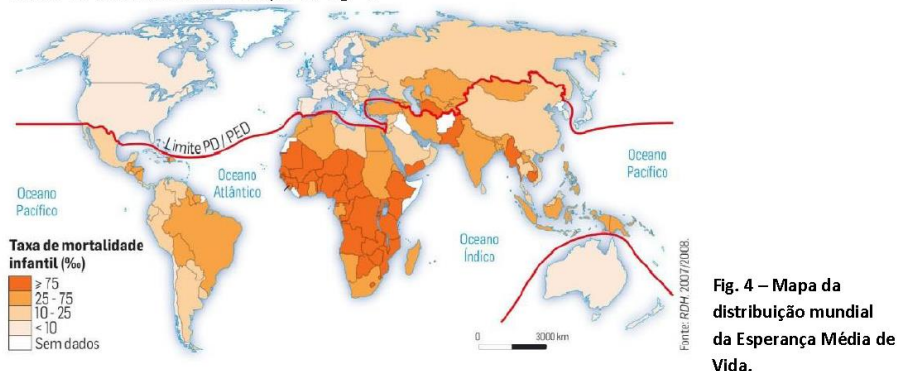
Fig. 3 – Gráfico de Esperança Média de Vida para Angola, Portugal e a média mundial.

3.1. **Refira** duas causas que justifiquem o valor da esperança média de vida:

a) Em Portugal.

b) Em Angola.

4. **Observe** atentamente o mapa da fig. 4.



**Fig. 4 – Mapa da distribuição mundial da Esperança Média de Vida.**

4.1. **Descreva** os principais contrastes na distribuição da Taxa de Mortalidade Infantil mundial.

4.2. **Identifique**, dois países onde a Taxa de Mortalidade Infantil é inferior a 10% e dois países onde a Taxa de Mortalidade Infantil é superior a 75%.

4.3. **Identifique** dois fatores que justifiquem os altos valores da Taxa de Mortalidade Infantil no continente africano.

**BOM TRABALHO**

**Geografia – 8º ano, turma 1**

**Tema: População e Povoamento Subtema: População**



*Plano de Aula*

**31 de outubro de 2012**

Esta atividade está enquadrada num conjunto de 12 aulas sobre a população e a distribuição dos indicadores demográficos.

1ª e 2ª Aula (Lições 13 e 14) – Visualização da apresentação “A População 1”: Evolução da População Mundial e introdução aos Indicadores Demográficos (17 de outubro).

3ª Aula (Lição 15) – Continuação da visualização da apresentação “A População 1”: Indicadores Demográficos (18 de outubro).

4ª e 5ª Aula (Lições 16 e 17) – Visualização da apresentação “A População 2”: Distribuição Mundial dos Indicadores Demográficos. Fatores que condicionam os Indicadores Demográficos nos PD e nos PED. Resolução de ficha de trabalho sobre o cálculo e interpretação de indicadores demográficos (24 de outubro).

6ª Aula (Lição 18) – Correção da ficha de trabalho. Síntese dos Indicadores Demográficos. (25 de outubro).

**7ª e 8ª Aula (Lições 19 e 20) – Visualização da apresentação “Estrutura Etária da População. Construção de uma pirâmide etária (31 outubro).**

9ª e 10ª Aula (Lições 21 e 22) – Continuação da construção de uma pirâmide etária (7 novembro).

11ª Aula (Lição 23) – Resolução de exercícios de aplicação da estrutura etária (8 novembro).

12ª Aula (Lição 24) – Teste Sumativo (14 novembro).

**Questões Chave:**

Como se reparte a população numa pirâmide etária?

Quais os tipos de pirâmides etárias?

**Experiência de aprendizagem:**

Compreender os mecanismos da construção de uma pirâmide etária.

Sequência	Tempo	Operacionalização	
		Tarefa	Obs.
<b>I</b> <b>Abordagem ao tema: estrutura etária da população.</b>	25'	Professor: Mostra os diapositivos um a um (1 a 8 da apresentação digital) e solicita a interpretação aos alunos Aluno: Faz a interpretação das pirâmides etárias	O professor deve recorrer a exemplos para ajudar na apreensão dos novos conteúdos introduzidos.
<b>II</b> <b>Distribuição do guião do aluno: construção de pirâmide etária.</b>	2'	Professor: Distribui o documento. Aluno: pode colaborar na distribuição	
<b>III</b> <b>Explicação da Atividade</b>	3'	Professor: Explica a atividade Aluno: ----	
<b>IV</b> <b>Aplicação da atividade</b>	60'	Professor: Promove a atividade e esclarece dúvidas Aluno: constrói a pirâmide de idades	Esta actividade prolongar-se-á pela aula seguinte.

**Recursos:**

- Quadro;
- Computador;
- Projetor de Vídeo;
- Ligação à Internet (opcional);
- Guião do aluno;
- Papel milimétrico;
- Régua;
- Lápis de cor.

**Avaliação**

- Observação e registo da actividade em sala de aula;

# ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

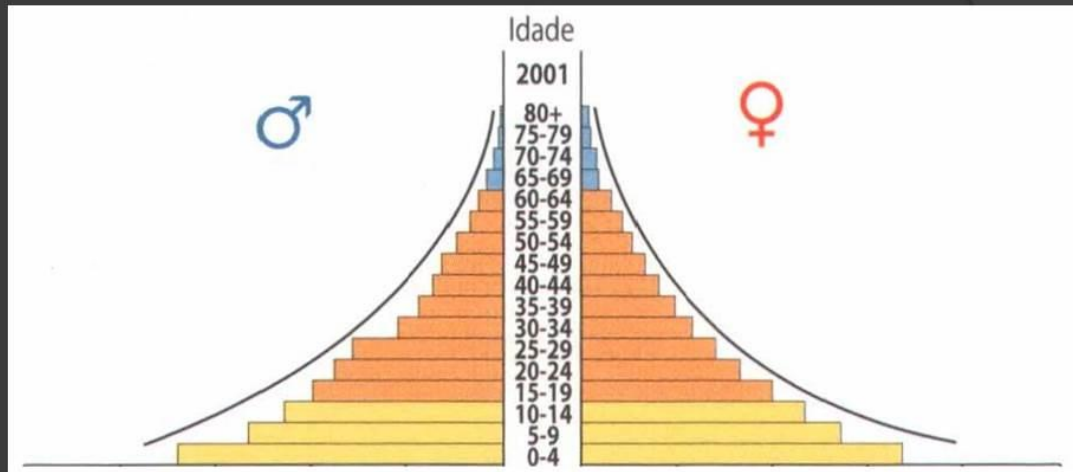
## Estrutura Etária da População

Existem três grandes grupos etários

- **Jovens** – dos 0 aos 14 anos
- **Adultos** – dos 15 aos 64 anos
- **Idosos** – 65 anos ou superior



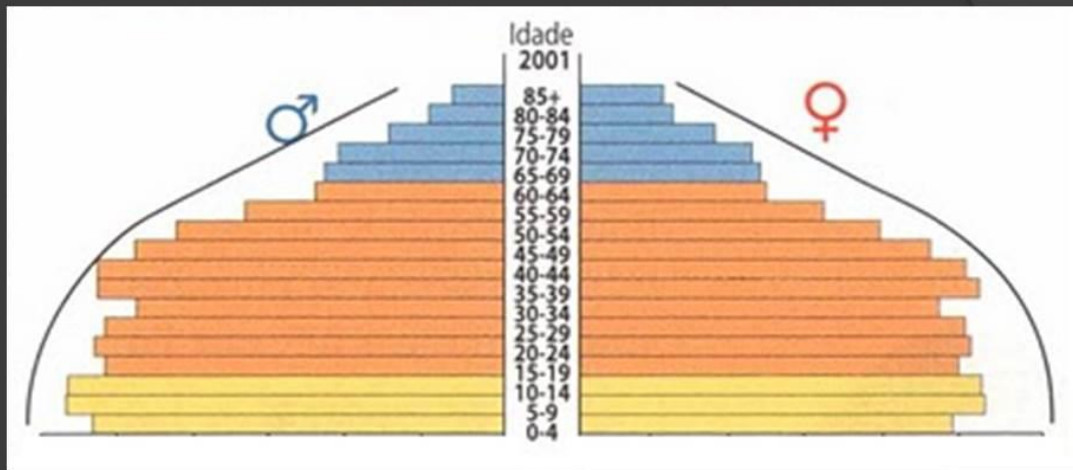
### PIRÂMIDE DE POPULAÇÃO CRESCENTE



GEOGRAFIA 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

3

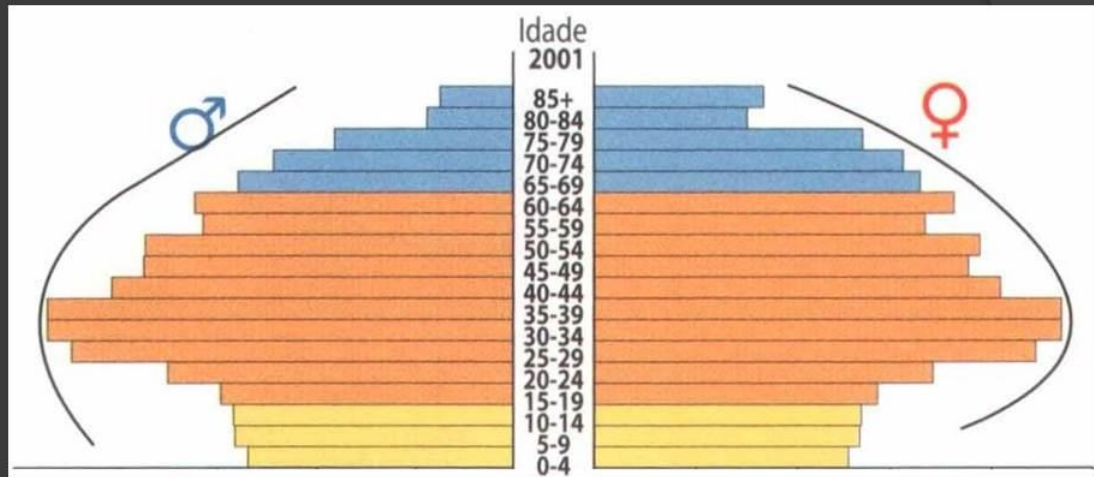
### PIRÂMIDE DE POPULAÇÃO DE TRANSIÇÃO



GEOGRAFIA 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

4

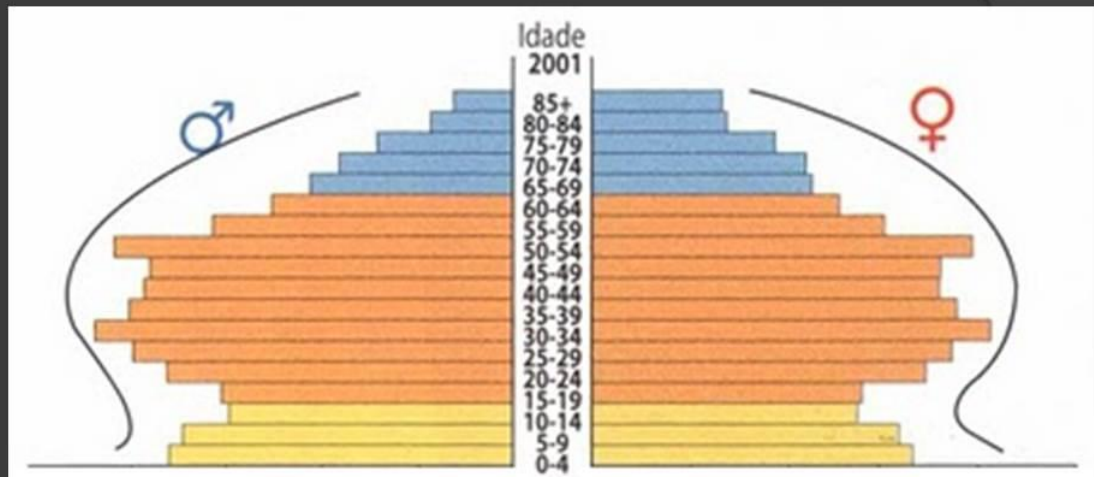
### PIRÂMIDE DE POPULAÇÃO DECRESCENTE



GEOGRAFIA 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

5

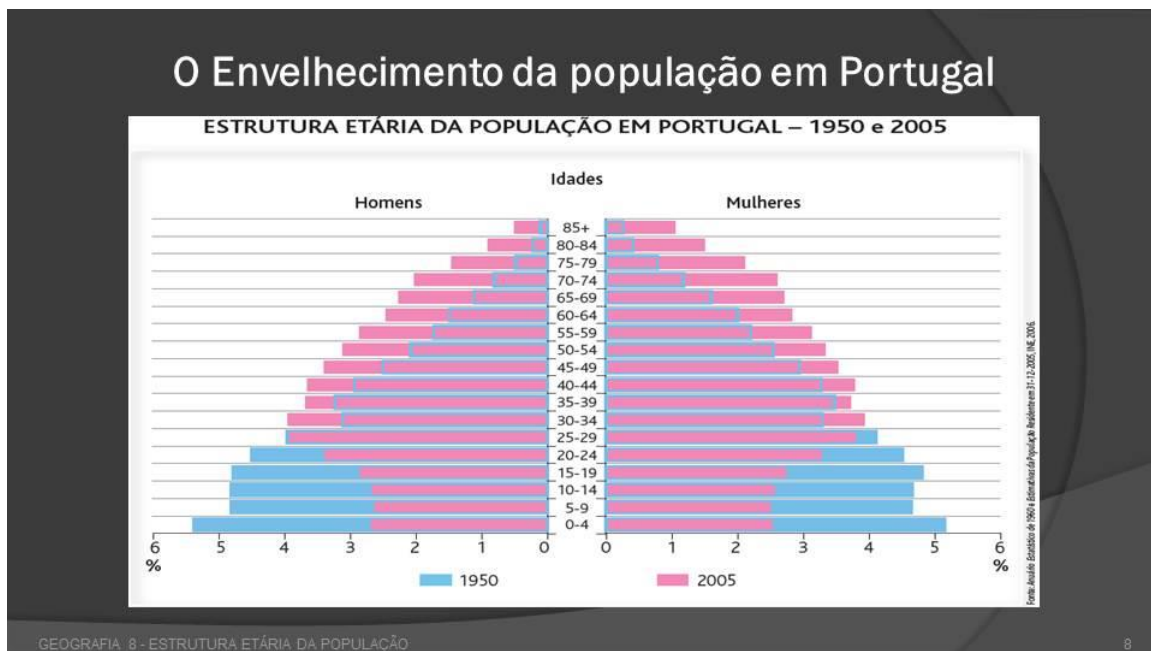
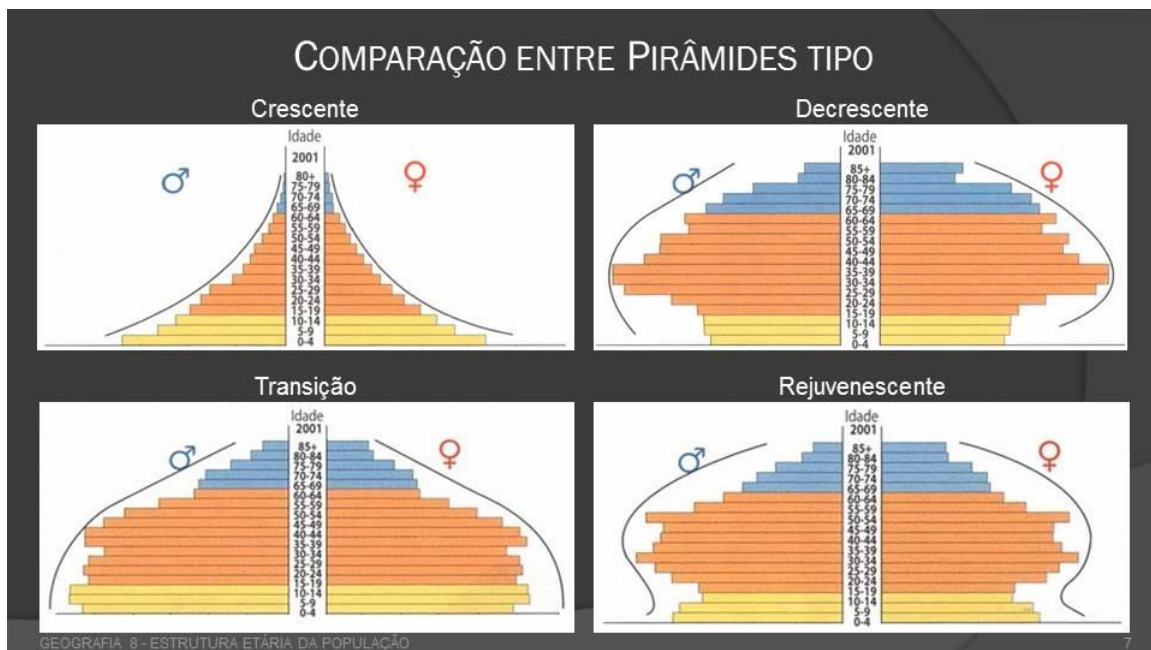
### PIRÂMIDE DE POPULAÇÃO REJUVENESCENTE



GEOGRAFIA 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

6







**GUIÃO DO ALUNO**  
**CONSTRUÇÃO DE UMA PIRÂMIDE ETÁRIA, PASSO A PASSO...**

**1º PASSO – Organização dos materiais necessários.**

Vai necessitar de reunir os seguintes itens: papel milimétrico, lápis ou lapiseira, borracha, régua, marcadores ou lápis de cor, tabela de dados.

Grupo Etário	Dados do BRASIL (%) – 2006																
	0	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80
Masculino	4,6	4,7	4,5	4,6	4,8	4,5	3,9	3,6	3,3	2,8	2,3	1,8	1,4	1,0	0,7	0,5	0,4
Feminino	4,4	4,5	4,4	4,5	4,7	4,4	3,9	3,7	3,5	3,0	2,5	2,0	1,6	1,2	1,0	0,7	0,6

Fig. 1 – Tabela da população relativa (%), por género e grupos etários em 2006  
Fonte: CECIVIAS e IPEA, literature Data Base, consultado em [www.cecivias.gov.br/portal/portal/interfacedata/interfacedata.jspx?method=showPage](http://www.cecivias.gov.br/portal/portal/interfacedata/interfacedata.jspx?method=showPage) 27/02/2012

**2º PASSO – Dimensionamento da construção da pirâmide etária.**

Para a "altura" da pirâmide, ou seja, o eixo das abcissas:

- Deves utilizar **5 mm** por cada grupo etário. Como tens 17, vais ter de marcar uma linha com 85 mm, no mínimo.

Para a "largura" da pirâmide, ou seja, o eixo das ordenadas:

- Verifica na tabela qual o valor mais elevado (neste caso 4,8).
- Utiliza **1 cm** por cada 1 % - Significa que vais ter de marcar, no mínimo 5 cm para cada lado da pirâmide.
- Não te esqueças de deixar **1 cm** para colocar as idades.

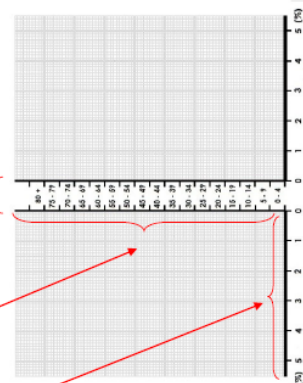


Fig. 2 – Desenho dos eixos das ordenadas e das abcissas

**3º PASSO – Construção da estrutura da pirâmide.**

Neste momento temos definidos a altura 85 mm e a largura total 110 mm. Executando os traços principais deve ficar com um desenho semelhante ao da fig. 2.

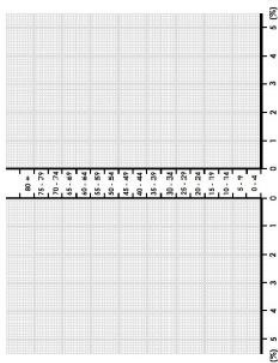


Fig. 3 – Desenho dos eixos da pirâmide.

**4º PASSO – Construção das barras horizontais dos efectivos masculinos.**

Cada classe etária masculina é representada por uma barra horizontal da mesma altura (definimos 5 mm), mas com um comprimento proporcional à percentagem de efectivos que lhe pertencem. Se tudo correu bem a sua pirâmide neste momento tem este aspeto.

**Atenção:** não se esqueça que tradicionalmente os homens figuram do lado esquerdo e as mulheres do lado direito.

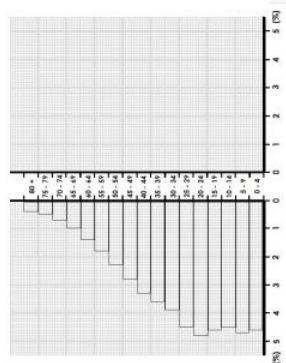


Fig. 4 – Barras dos efectivos masculinos

**5º PASSO – Construção das barras horizontais dos efectivos femininos**

Os procedimentos são idênticos aos dos homens. Cada classe etária é representada por uma barra da mesma altura (pré-definimos 5 mm), mas com um comprimento proporcional à percentagem de efectivos que lhe pertencem.

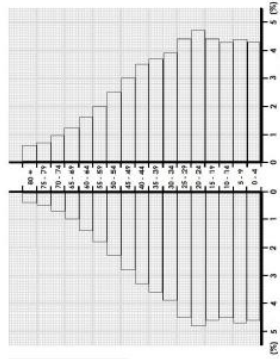


Fig 5 – Barras dos efectivos femininos

**6º PASSO – Colorir as barras e construir a legenda.**

Após a finalização da pirâmide etária, deverá preencher (colorir) as barras dos homens e as das mulheres com uma cor diferente para cada grande grupo etário, que como vimos anteriormente são os Jovens (0 aos 14 anos), os adultos (15 aos 64 anos) e finalmente os idosos (65 e superior). Em seguida, deve fazer a legenda como indicado na figura. Assim como, escrever os nomes dos géneros. Não esquecer! Colocar os Homens à esquerda e Mulheres à direita.

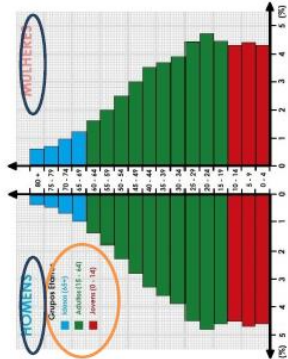


Fig 6 - introdução da legenda e Géneros

**7º PASSO – Preencher o Título.**

Deverá completar a pirâmide, atribuindo o Título, onde deve estar identificado de forma clara a área ou região de estudo e o ano a que correspondem os dados.

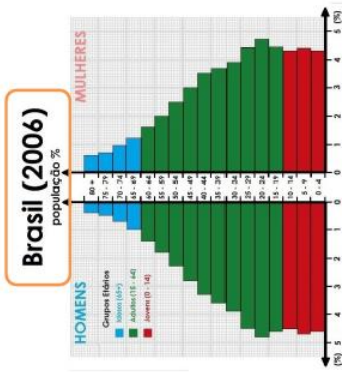


Fig 7 – introdução do Título

**8º PASSO – Inserir a fonte dos dados.**

Sempre que possível, deve estar indicada a fonte dos dados. Introduza-a como indicado na figura 7.

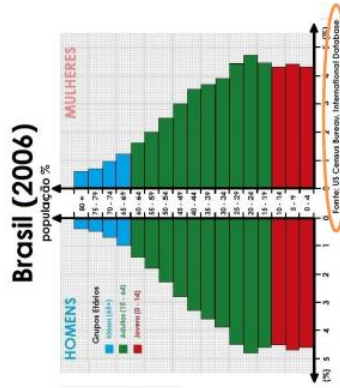


Fig 8 – introdução da fonte

**CASCAIS É A[cool]**

A CENA DO ÁLCOOL NA TUA VIDA... DÁ QUE PENSAR!

www.cm-cascais.pt

**SABES DIZER NÃO? TU DECIDES!**

**CASCAIS**

**FAZ COMO EU... FICA FICA COOL!**

**FAZ O 4... NÃO ANDES DE 4!**

**EDIÇÃO**

- . Câmara Municipal de Cascais | Divisão de Promoção da Saúde e Prevenção das Toxicodependências

**CONTEÚDOS TÉCNICOS**

- . Câmara Municipal de Cascais | Divisão de Promoção da Saúde e Prevenção das Toxicodependências
- . Fundação Portuguesa para o Estudo Prevenção e Tratamento das Toxicodependências

\*slogans produzidos pelos alunos da Escola Secundária de Alvide

SE PRECISARES DE AJUDA OU QUIERES AJUDAR UM AMIGO, NÃO HESITES, FALA CONNOSCO

- . CMC | Divisão de Promoção da Saúde e Prevenção das Toxicodependências  
Tel.: 214 815 29595 | E-mail: dpst@cm-cascais.pt
- . Serviços de Psicologia das Escolas  
Geração C [Espaço SJ]: 214 815 913
- . Centro de Atendimento a Jovens, Adultos e Famílias | FPEPTT  
Tel.: 21 482 36 50 | E-mail: psi.fpeptt@gmail.com  
Linha de Apoio 14 14 | www.tu-alinhas.pt



**SABES O QUE BEBES?**

- As bebidas alcoólicas contêm álcool.
- É o álcool comum da farmácia.
- As bebidas podem ter graduações diferentes (% de álcool por litro) mede-se em % e vem descrita no rótulo das bebidas

**FICA COM ESTA IDEIA...**

- 1 litro de CERVEJA de 6% tem 6% de álcool
- 1 litro de VINHO de 12% tem 12% de álcool
- 1 litro de BEBIDAS DESTILADAS (Vodka, Rum, Absinto...) de 50% tem 50% de álcool
- Quando bebes SHOTS estás a ingerir uma MISTURA de bebidas alcoólicas

**SE TE DECIDIRES POR UMA BEBIDA LEMBRA-TE...  
deves comer ao mesmo tempo!!**

A quantidade de álcool no sangue (alcoolemia) aumenta à medida que vais bebendo. O fígado é o órgão responsável pela eliminação do álcool do teu corpo. O fígado, tal como tu, ainda está em desenvolvimento e por isso tem mais dificuldade, é mais lento, a eliminar o álcool.

O teu corpo fica com esta substância tóxica durante mais tempo.

**SE TENS MAIS DE 18 ANOS BEBE COM MODERAÇÃO.**

É considerado risco todo o consumo acima de 3 copos por dia (unidade de bebida padrão UBP).

- 1 imperial /fino corresponde a uma UBP;
- um whisky ou um shot corresponde a duas UBP

**RECEITA DE SHOTS SEM ÁLCOOL**  
*Shot Semáforo [Vitaminos]*

- Coloca morangos, kiwis e manga no frigorífico com a antecedência necessária de modo a obter fruta bem fresca (quantidade variável de acordo com o número de copos a preparar)
- Lava bem os morangos
- Descasca a manga e os kiwis e corta aos pedaços
- Com o auxílio de uma varinha mágica, tritura alternadamente a fruta lavando o recipiente entre as utilizações.
- Coloca em camadas a fruta batida pela ordem do semáforo: verde, laranja e vermelho
- Decora o copo usando a tua imaginação

**ADORO RIR!  
PARA QUÊ  
O ÁLCOOL?**

**CURIOSIDADES**

- O álcool é uma substância psicoativa que pode ser entendida como um "desinibidor!". Mas NÃO É.....quando TU bebes podes não controlar o que fazes, dizes, perdes a liberdade de escolher, é mais difícil compreenderes o que sentes ....
- O consumo de álcool diminui a capacidade de tomar decisões de acordo com o que pensas e sentes!! Outros podem dizer NÃO!! É isso que QUERES?
- O álcool pode provocar visão turva, lentificação e descoordenação motora, dificuldade de avaliar distâncias e velocidades, perda de controlo sobre si próprio e sobre os atropelamentos!!
- Até aos 18 anos o teu organismo ainda está em desenvolvimento e o teu fígado tem dificuldade em eliminar o álcool!!! NÃO "QUEIMES" O TEU CORPO
- O álcool pode provocar dificuldades de raciocínio, perda de memória e de capacidade de atenção, depressão, irritabilidade, impotência sexual...

**DIZER NÃO...  
TU ÉS  
CAPAZ!**

**DIVIRTO-ME...  
SEM ÁLCOOL!**

**ESTOU  
APANHADA  
POR TI.  
TUDO SEM  
ÁLCOOL!**

**SHOTS IN...  
NEURÓNIOS  
OUT!**

**A CENA DO ÁLCOOL NA TUA VIDA ....  
PODE SER UM RISCO... RISCA ESTE RISCO!**

**DESINIBIR  
SEM CONSUMIR...  
SÓ TU PODES  
DECIDIR!**



GOVERNO DE PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



ESCOLAS DO PORTUGAL



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSÉ CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

## PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO

História 7º ano

### TEMA B – A HERANÇA DO MEDITERRÂNEO ANTIGO

#### Capítulo B2 – O Mundo Romano no Apogeu do Império

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 16 AULAS

#### Objetivos gerais a privilegiar

##### I - DOMÍNIO DAS ATITUDES E VALORES

Interessa-se pela construção da consciência europeia, valoriza a identidade cultural da sua região e do seu país.

##### III - DOMÍNIO DOS CONHECIMENTOS

Caracteriza as principais fases de evolução histórica.

Identifica momentos de grande rutura no processo evolutivo.

Compreende o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES *
<b>DA CIDADE À CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO.</b> - As origens do povo romano e a fundação de Roma - A expansão e o domínio do Mediterrâneo - O domínio dos povos conquistados	Monarquia Império Mare Nostrum Guerras Púnicas	⇒ Localiza no tempo e no espaço a Civilização Romana. ⇒ Distingue as principais etapas da História de Roma. ⇒ Conhece os limites do Império Romano. ⇒ Explica em que consistiu a romanização.	⇒ Análise de mapa e barra cronológica – no Espaço e no Tempo ⇒ Construção / análise de mapas com referência à expansão e domínio do Mediterrâneo.

## Anexo 9

Plano a médio prazo de 7º ano de História


**GOVERNO DE PORTUGAL** | **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA**






**AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES**  
 CÓDIGO - 170719

<p>- A Romanização da Península Ibérica</p> <p>- Fatores de União do Império</p>	<p>Romanização</p> <p>Direito</p> <p>Administração</p> <p>Município</p>	<p>⇒ Refere os fatores de integração dos povos conquistados no Império Romano.</p>	<p>⇒ Clarificação dos conteúdos através da leitura e interpretação de fontes primárias e historiográficas das páginas 72 e 73.</p> <p>⇒ Realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos.</p>
<p><b>A ECONOMIA DURANTE O IMPÉRIO</b></p> <p>- O dinamismo económico do mundo romano</p>	<p>Economia comercial e monetária</p>	<p>⇒ Reconhece o carácter urbano, comercial e monetário da economia romana na época imperial.</p>	<p>⇒ Interpretação dos documentos das páginas 74 e 75.</p> <p>⇒ Realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos.</p>
<p><b>A SOCIEDADE E AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS ROMANAS DURANTE O IMPÉRIO</b></p> <p>- A ordem social romana</p> <p>- O poder político e as instituições</p>	<p>Senado</p> <p>Magistrado</p> <p>Latifúndio</p>	<p>⇒ Caracteriza a sociedade romana.</p> <p>⇒ Descreve a vida quotidiana no apogeu do Império.</p> <p>⇒ Reconhece as instituições políticas na época imperial.</p>	<p>⇒ Clarificação dos conteúdos através da leitura e interpretação de fontes primárias e historiográficas da página 77.</p> <p>⇒ Construção e interpretação de esquemas.</p> <p>⇒ Realização de uma ficha de</p>


**GOVERNO DE PORTUGAL**

---

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA






**AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES**  
 CÓDIGO - 170719

<p><b>O LEGADO DA CIVILIZAÇÃO ROMANA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O direito</li> <li>- O urbanismo</li> </ul>	<p>Código Urbanismo</p>	<p>⇒ Caracteriza o direito romano.</p> <p>⇒ Descreve o urbanismo romano.</p>	<p>⇒ Clarificação dos conteúdos através da visualização de fontes primárias e historiográficas das páginas 78 e 79.</p> <p>⇒ Construção e análise de um friso cronológico.</p>	<p>consolidação de conhecimentos.</p>
<p><b>A ARTE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A arte</li> <li>- A escultura</li> <li>- A literatura</li> </ul>	<p>Messias /Messianismo</p>	<p>⇒ Analisa a arquitetura, a escultura e a literatura romanas.</p> <p>⇒ Identifica o legado romano na Civilização Europeia Ocidental.</p>	<p>⇒ Clarificação dos conteúdos através da análise de fontes primárias e historiográficas das páginas 80, 81, 82 e 83.</p> <p>⇒ Elaboração de um texto descritivo da imagem ilustrada num postal.</p>	
<p><b>A RELIGIÃO E O CULTO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- As crenças religiosas romanas</li> <li>- A origem e a afirmação do cristianismo</li> </ul>	<p>Messias /Messianismo</p> <p>Cristianismo</p> <p>Apóstolos</p> <p>Evangelhos</p>	<p>⇒ Demonstra a influência grega na religião romana.</p> <p>⇒ Caracteriza a religião romana.</p> <p>⇒ Localiza no tempo e no espaço o aparecimento e difusão do</p>	<p>⇒ Clarificação dos conteúdos através da análise de fontes primárias e historiográficas das páginas 84, 85, 86 e 87.</p>	





GOVERNO DE PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



POPH



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

	<p>Diáspora</p> <p>Bíblia</p>	<p>cristianismo.</p> <p>⇒ Reconhece o caráter inovador e a rápida difusão do cristianismo.</p> <p>⇒ Relaciona as perseguições aos cristãos com o caráter monoteísta do cristianismo.</p>	<p>⇒ Realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos</p> <p>⇒ Elaboração de uma síntese..</p>
--	-------------------------------	--	--

\* **NOTA:** As atividades previstas estão sujeitas a alteração de acordo com a dinâmica das turmas envolvidas.

### Anexo 9

Plano a médio prazo de 7º ano de História





## PLANO DE AULA

História 7º ano

### Tema B – A Herança do Mediterrâneo Antigo Capítulo B2 – O Mundo Romano no Apogeu do Império

**TURMA:** 3ª

**TEMPO:** 90 MINUTOS

**DATA:** 12/04/2013

3ª AULA ASSISTIDA PELAS PROFESSORAS Mª CARMO MARTINS E SOFIA CONTENTE

### PRÉ-REQUISITOS

Ler, escrever e interpretar documentos com autonomia;  
Interpretar textos simples, mapas e frisos cronológicos;  
Identificar conceitos ou palavras-chave a partir da análise cruzada de fontes variadas;  
Aplicar conceitos ou palavras-chave adequadas à produção de informação;  
Elaborar/Analisar, a partir de documentos diversos, uma barra cronológica com acontecimentos significativos;  
Analisar, a partir de tabelas, gráficos, esquemas, plantas e mapas, a distribuição espacial de distintos dados históricos;

### CONTEXTUALIZAÇÃO

A economia de Roma imperial recorreu: ao saque das cidades conquistadas, aos tributos (impostos) pagos pelos habitantes de todo o império e, à escravidão dos prisioneiros de guerra; para aumentar o seu poder económico.

Com a expansão do império, Roma desenvolveu uma economia urbana, comercial e monetária, esta tinha lugar nas cidades e baseava-se nas trocas comerciais e na circulação da moeda como principal forma de pagamento. Alguns dos produtos comercializados eram o azeite, o vinho, os cereais, os tecidos, as jóias, entre muitos outros.

### SUMÁRIO

A economia durante o Império. O dinamismo económico do mundo romano. Análise dos Docs. 3A e 3B da página 71 do manual. Leitura e interpretação dos Docs. 9A, 9B, 10 e 11 das páginas 74 e 75 do manual. Resolução de uma Ficha de Consolidação de Conhecimentos.

### CONTEÚDOS

A economia durante o Império;  
O dinamismo económico do mundo romano.



QUESTÕES ORIENTADORAS	CONCEITOS
Como era a economia do Império Romano?	Economia urbana, comercial e monetária

ORIENTAÇÕES DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recorda, em debate orientado, os temas anteriormente abordados;</li> <li>• Apresenta o conceito de economia urbana, comercial e monetária;</li> <li>• Explica a importância da boa rede de estradas, da utilização de moeda e do trabalho escravo para a economia do império.</li> </ul>

ESTRATÉGIAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo professor/alunos apelando a conhecimentos tácitos dos alunos.</li> <li>• Análise dos Docs. 3A e 3B da página 71 do manual.</li> <li>• Leitura e interpretação dos Docs. 9A, 9B, 10 e 11 das páginas 74 e 75 do manual.</li> </ul> <p><b>Atividades de consolidação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de Consolidação de Conhecimentos.</li> </ul>

AVALIAÇÃO
<p>Ficha de Consolidação de Conhecimentos.</p> <p>Observação direta focada na atenção, participação oral, qualidade das intervenções e na autonomia dos alunos.</p>

BIBLIOGRAFIA
<p><b>ALARCÃO, Jorge</b>, <i>O Domínio Romano em Portugal</i>, Lisboa, Europa-América, 1988.</p> <p><b>CARCOPINO, Jérôme</b>, <i>A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império</i>, Lisboa, Livros do Brasil, Ed. orig. 1939)</p> <p><b>GRIMAL, Pierre</b>, <i>A Civilização Romana</i>, Lisboa, Edições 70, 1988</p> <p><b>QUONIAM, Claude e SERGERY, Étienne</b>, <i>Como se Vivia?</i>, Lisboa, Bertrand, 1978.</p>



Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

N.º: \_\_\_\_\_

## 7º ano de História

### Ficha de Consolidação de Conhecimentos

1 – Preenche os espaços em branco.

- a) O império romano possuía excelentes vias de \_\_\_\_\_, quer terrestres, quer \_\_\_\_\_. Estas proporcionaram um forte \_\_\_\_\_ económico tornando Roma o centro económico e \_\_\_\_\_ do mundo.

**dinamismo  
retrocesso**

**fluviais  
comercial**

**ferroviárias  
comunicação**

- b) Inicialmente, os romanos praticavam uma economia \_\_\_\_\_, mas com a expansão do império, Roma desenvolveu uma economia \_\_\_\_\_, e \_\_\_\_\_, baseada nas \_\_\_\_\_ comerciais e na circulação da \_\_\_\_\_ como principal meio de pagamento.

**comercial  
monetária**

**Industrial  
trocas**

**agro-pastoril  
atos**

**expansão  
moeda**

2 – Corrige as palavras que não têm as letras na devida ordem.

O (quesa) \_\_\_\_\_ das cidades (quisdasconta) \_\_\_\_\_, os (tritosbu) \_\_\_\_\_ pagos pelos habitantes de todo o (péimrio) \_\_\_\_\_ e a (dãoviescra) \_\_\_\_\_ de muitos prisioneiros de



guerra faziam maro \_\_\_\_\_ aumentar o seu poder enómico

\_\_\_\_\_.

**3 – Caracteriza a economia do império romano.**

---



---



---

**4 – Constrói um documento relacionado com as trocas comerciais ocorridas no império romano.**

---



---



---

**5 – Resolve a sopa de letras**

AZEITE  
CEREAIS  
ESCRAVOS  
JOIAS  
LÃ  
MINÉRIOS  
TECIDOS  
VINHO

M	A	R	M	O	R	T	O	B	V	C	I
L	I	G	I	A	O	J	O	I	A	S	P
L	X	N	U	M	U	V	V	C	Z	F	G
Ã	Z	C	É	T	A	I	I	A	E	O	A
S	U	T	O	R	A	N	L	A	I	L	D
A	A	I	M	P	I	H	I	O	T	H	S
C	E	R	I	O	N	O	I	O	E	U	O
T	E	N	E	G	Z	W	S	O	S	A	D
C	E	R	E	A	I	S	O	A	R	U	I
U	Q	E	S	C	R	A	V	O	S	A	C
A	Z	E	L	O	L	D	A	M	A	E	E
A	Y	J	M	O	N	E	U	T	R	O	T

**Bom Trabalho!**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

Nome:

Turma:

N.º:

## 7º ano de História

# TPC – Economia do Império Romano

**1 – Lê** atentamente o texto.

“Os romanos nunca tiveram senão uma única razão para fazer a guerra, o desejo insaciável de poder e de riquezas. (...) intensificaram a conquista de territórios, quer para Ocidente quer para Oriente procurando obter novos recursos agrícolas e minérios.”

**Doc1 – Mitríades, rei do Ponto (adaptado)**

**1.1 – Dá** um título ao texto.

---

---

---

**1.2 – Indica** com base no texto, que razão tiveram os romanos para fazer a guerra.

---

---

---

**1.3 – Justifica** a tua resposta com base no texto

---

---

---

---

---

**Bom Trabalho!**



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



POPH



Escolas  
Cardoso Pires

AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

## PLANO DE AULA

História 7º ano

### Tema B – A Herança do Mediterrâneo Antigo

#### Capítulo B2 – O Mundo Romano no Apogeu do Império

TURMA: 2ª

TEMPO: 90 MINUTOS

DATA: 26/04/2013

5ª AULA ASSISTIDA PELAS PROFESSORAS Mª CARMO MARTINS E SOFIA CONTENTE

### PRÉ-REQUISITOS

Ler, escrever e interpretar documentos com autonomia;  
Interpretar textos simples, mapas e frisos cronológicos;  
Identificar conceitos ou palavras-chave a partir da análise cruzada de fontes variadas;  
Aplicar conceitos ou palavras-chave adequadas à produção de informação;  
Elaborar/Analisar, a partir de documentos diversos, uma barra cronológica com acontecimentos significativos;  
Analisar, a partir de tabelas, gráficos, esquemas, plantas e mapas, a distribuição espacial de distintos dados históricos;

### CONTEXTUALIZAÇÃO

O legado deixado pela civilização romana, influenciado pela cultura grega, gozou de imensa originalidade. De todas as criações romanas as mais originais foram o Direito e o Urbanismo.

O direito representou um dos mais notáveis contributos da civilização romana. Os romanos desenvolveram-no pela necessidade de regulamentar a sociedade e o funcionamento do Estado: direito privado e direito público.

O sentido prático da civilização romana é evidente quando estudamos o seu urbanismo, isto é, o estudo e planificação das cidades. Estas eram construídas à medida das necessidades dos seus habitantes, segundo um modelo geométrico, onde o fórum e a praça pública se situavam no centro. Era ao seu redor que se situavam os edifícios mais importantes (religiosos, administrativos e comerciais) e onde se desenvolvia a vida pública das cidades. Existiam bibliotecas, mercados, termas públicas e aquedutos. Destacam-se ainda teatros, circos e anfiteatros palcos de lutas entre animais selvagens e gladiadores.

Roma servia de modelo para as restantes cidade do império, ligadas entre si por uma excelente rede viária: estradas e pontes.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSÉ CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

SUMÁRIO
O Legado da Civilização Romana: O direito e o Urbanismo. Análise dos docs 1 a 5, fornecidos em fotocópia. Construção de um friso cronológico. Resolução de Ficha de Consolidação de Conhecimentos.

CONTEÚDOS
<b>O Legado da Civilização Romana.</b> O direito e o urbanismo.

QUESTÕES ORIENTADORAS	CONCEITOS
Como se caracteriza o direito romano?	Código
Como era o urbanismo no império romano?	Urbanismo

ORIENTAÇÕES DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Enquadra a temática;</li> <li>• Recorda, em debate orientado, os temas anteriormente abordados;</li> <li>• Descreve o legado da civilização romana. Curiosidades sobre; alfabeto latino, língua latina, sistema numérico, calendário, sistema de aquecimento central, banhos públicos, serviço postal e primeira brigada de incêndios. Exploração da originalidade do direito e do urbanismo romano.</li> <li>• Apresenta o conceito de código e de urbanismo;</li> </ul>

ESTRATÉGIAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo professor/alunos apelando a conhecimentos tácitos dos alunos.</li> <li>• Análise dos docs 1 a 5, fornecidos em fotocópia.</li> </ul> <p><b>Atividades de consolidação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de um friso cronológico;</li> <li>• Ficha de Consolidação de Conhecimentos.</li> </ul>

AValiação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de um friso cronológico;</li> <li>• Ficha de Consolidação de Conhecimentos.</li> <li>• Observação direta focada na atenção, participação oral, qualidade das intervenções e na autonomia dos alunos.</li> </ul>

BIBLIOGRAFIA
<p><b>ALARCÃO, Jorge</b>, <i>O Domínio Romano em Portugal</i>, Lisboa, Europa-América, 1988.  <b>CARCOPINO, Jérôme</b>, <i>A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império</i>, Lisboa, Livros do Brasil, Ed. orig. 1939)  <b>GRIMAL, Pierre</b>, <i>A Civilização Romana</i>, Lisboa, Edições 70, 1988  <b>QUONIAM, Claude e SERGERY, Étienne</b>, <i>Como se Vivia?</i>, Lisboa, Bertrand, 1978.</p>

Vanda Miranda – Professora Estagiária	Página 2
---------------------------------------	----------



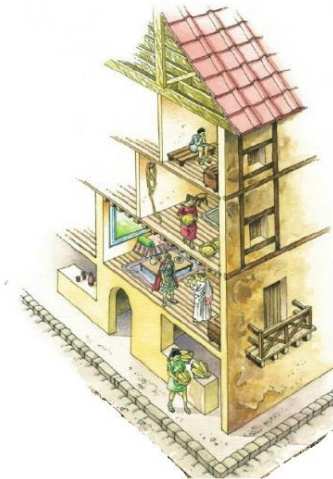
**Doc1 - *Villae romana*** (reconstituição).



**Doc 2 - *Vivenda moderna*** (Quinta do Patino, Alcoitão - Cascais)



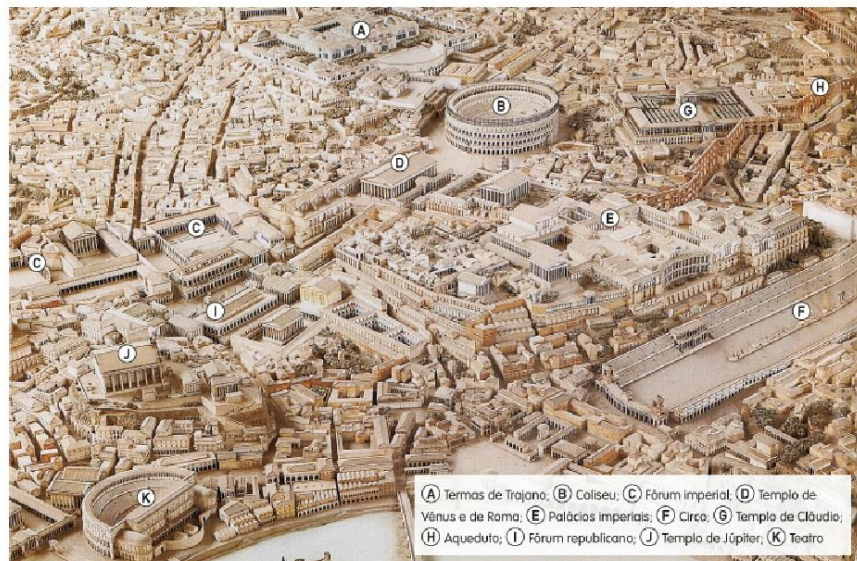
**Doc3 - *Insulae romana*** (reconstituição).  
Prédios habitacionais com vários andares para plebeus.



**Doc4 - *Bairro do Aleixo*** (Bairro Social no Porto)



**Doc 5 - *Maqueta de Roma***  
Vista do centro da antiga cidade de Roma (Indicação dos principais edifícios)







Nome:

\_\_\_\_\_

---

## FICHA DE CONSOLIDADÇÃO DE CONHECIMENTOS

### Constrói o friso cronológico utilizando as seguintes pistas:

- A. – A sua fundação está associada à lenda de uma loba chamada capitolina.
- B. – A má governação da monarquia etrusca terminou devido à pressão exercida pelas famílias romanas poderosas.
- C. – Guerra entre os romanos e os cartagineses.
- D. – Invasões a Oeste do continente europeu.
- E. – Conquista de um povo politeísta que anteriormente foi uma civilização muito importante.
- F. – Através da expansão e conquista de vários territórios inicia-se com Octávio Cesar Augusto.
- G. – Com o nascimento de Jesus Cristo surgiu uma nova religião, o “Cristianismo”, que era uma religião monoteísta. Mas atenção, os romanos eram politeístas.
- H. – Esse documento expandiu a cidadania a todos os habitantes livres do império.
- I. – O imperador Constantino decreta a liberdade religiosa em todo o império.
- J. – O imperador Teodósio declara o cristianismo como a religião oficial do império.
- K. – Os romanos passam a ter duas capitais Roma e Constantinopla.
- L. – Início das invasões bárbaras.

**BOM TRABALHO!**

<b>FRISO CRONOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO ROMANA</b>		
<b>EVENTO</b>	<b>DATA</b>	<b>PISTA</b>
		A
	509 a.C	B
		C
		D
	150 a.C	E
<b>Ditadura de Cesar</b>	46 a.C	---
	27 a.C	F
<b>Nascimento de Cristo</b>	0	----
	64	G
		H
	313	I
	380	J
	395	K
		L



Nome:

Turma:

N.º:

---

## 7º ano de História

# Ficha de Consolidação de Conhecimentos

## Direito e Urbanismo

**1 – Define** Direito.

---

---

---

---

**2 – Indica** os dois ramos do direito romano.

---

---

---

---

**3 – Completa** os espaços em branco com as seguintes palavras, de acordo com o que aprendes-te na aula.

*Villae*  
Santuário

Fórum  
culto

Edifícios  
Oriente



Todas as cidades romanas possuíam um conjunto de \_\_\_\_\_ públicos, o \_\_\_\_\_ de forma quadrangular encontrava-se sensivelmente no centro da cidade. Cada cidade dispunha de \_\_\_\_\_ consagrados aos deuses locais, a construção de um templo destinado ao \_\_\_\_\_ imperial era tradição quer a Ocidente, quer a \_\_\_\_\_.

**4 – Resolva** a sopa de letras:

AQUEDUTOS  
DIREITO  
ESTATUAS  
PONTE  
PORTAS  
TEATROS  
TEMPLOS  
URBANISMO

U	A	Q	U	E	D	U	T	O	S	C	I
R	E	G	I	A	O	U	G	I	A	T	A
B	X	D	U	M	U	V	V	C	A	P	T
A	Z	C	I	T	A	L	I	A	K	O	I
N	U	T	O	R	A	L	P	A	H	R	Z
I	A	E	M	P	E	R	O	O	V	T	O
S	E	M	I	O	N	I	N	O	H	A	P
M	E	P	E	S	T	A	T	U	A	S	I
O	U	L	N	R	S	S	E	O	R	U	T
U	Q	O	I	E	G	O	S	A	N	A	A
Q	Z	S	L	O	L	D	A	M	A	E	C
A	Y	J	M	O	T	E	A	T	R	O	S

**5 – Corrige** as palavras que não têm as letras na ordem correta de modo que a afirmação seja verdadeira.

A (**idacde**) \_\_\_\_\_ não foi construída de um (**omod**) \_\_\_\_\_  
(**condesnuoti**) \_\_\_\_\_, sem alguma ordem, deu-se (**gularra**)  
\_\_\_\_\_ às (**suar**) \_\_\_\_\_, limitou-se a (**arutla**)  
\_\_\_\_\_ dos edifícios, abriram-se as (**rapças**) \_\_\_\_\_.

## Anexo 16

Ficha de consolidação de conhecimentos:  
*O legado da civilização romana*



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



POPH



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

6 – Define “*Insullae*”.

---

---

---

---

7 – Enumera outras criações romanas para além, do **direito** e do **urbanismo**.

---

---

---

---

---

---

---

---

**Bom Trabalho!**



Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

N.º: \_\_\_\_\_

## 7º ano de História

### Ficha de Consolidação de Conhecimentos – Direito e Urbanismo

**1 – Completa** os espaços em branco com as seguintes palavras, de acordo com o que aprendes-te na aula.

**Villae**

**Fórum**

**edifícios**

**santuário**

**culto**

**Oriente**

Todas as cidades romanas possuíam um conjunto de \_\_\_\_\_ públicos, o \_\_\_\_\_ de forma quadrangular encontrava-se sensivelmente no centro da cidade. Cada cidade dispunha de \_\_\_\_\_ consagrados aos deuses locais, a construção de um templo destinado ao \_\_\_\_\_ imperial era tradição quer a Ocidente, quer a \_\_\_\_\_.

**2 – Resolve** a sopa de letras:

AQUEDUTOS  
DIREITO  
ESTATUAS  
PONTES  
PORTAS  
TEATROS  
TEMPLOS  
URBANISMO

U	A	Q	U	E	D	U	T	O	S	C	I
R	E	G	I	A	O	U	G	I	A	T	A
B	X	D	U	M	U	V	V	C	A	P	T
A	Z	C	I	T	A	L	I	A	K	O	I
N	U	T	O	R	A	L	P	A	H	R	Z
I	A	E	M	P	E	R	O	O	V	T	O
S	E	M	I	O	N	I	N	O	H	A	P
M	E	P	E	S	T	A	T	U	A	S	I
O	U	L	N	R	S	S	E	O	R	U	T
U	Q	O	I	E	G	O	S	A	N	A	A
Q	Z	S	L	O	L	D	A	M	A	E	C
A	Y	J	M	O	T	E	A	T	R	O	S

**Bom Trabalho!**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



POPH

ES

João Carlos  
Pires



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES

**Semana da leitura**

**Ler o Mar**

**Calendarização das atividades**

	seg 11 março	ter 12 março	qua 13 março	qui 14 março	sex 15 março
8:30-9:15			"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 4 <sup>a</sup>		
9:15-10:00		Mergulhar com a Menina do Mar 5 <sup>o</sup> 2 <sup>a</sup>	(Início às 9:00H)	Mergulhar com a Menina do Mar 5 <sup>o</sup> 6 <sup>a</sup>	
10:15-11:00		"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 2 <sup>a</sup>	"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 3 <sup>a</sup>	7 <sup>o</sup> 1 <sup>a</sup> Atividade de História (Trabalho de Estágio) Por Mar Sempre Navegado	
11:00-11:45	Mergulhar com a Menina do Mar 5 <sup>o</sup> 1 <sup>a</sup>	(até às 11:15H)	(até às 11:15H)		
12:00-12:45	"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 1 <sup>a</sup>	Leitura em Família 9 <sup>o</sup> 3 <sup>a</sup>	Mergulhar com a Menina do Mar 8 <sup>o</sup> 1 <sup>a</sup> (2)		
12:45-13:30	(até às 13:00H)		Mergulhar com a Menina do Mar 8 <sup>o</sup> 2 <sup>a</sup>		
13:45-14:30	"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 6 <sup>a</sup>	"Quem conta um conto..." 5 <sup>o</sup> 5 <sup>a</sup>		Mergulhar com a Menina do Mar 8 <sup>o</sup> 4 <sup>a</sup>	
14:30-15:15	(até às 14:45H)	(até às 14:45H)			
15:30-16:25	Mergulhar com a Menina do Mar 8 <sup>o</sup> 3 <sup>a</sup>	Leitura em Família 8 <sup>o</sup> 4 <sup>a</sup>	Mergulhar com a Menina do Mar 5 <sup>o</sup> 4 <sup>a</sup> (1)	Leitura em Família 8 <sup>o</sup> 2 <sup>a</sup>	
16:15-17:00					



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

Semana da Leitura

## “Ler o Mar”

De 11 a 15 de Março

Biblioteca Escolar

7<sup>o</sup> 1<sup>a</sup>

### “Por mar sempre navegado”

Era uma vez uma península situada no sudoeste do continente europeu, entre o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico.

A sua excelente situação geográfica, a ligação do continente europeu com o continente africano, e o clima ameno, fez com que esta península fosse visitada por vários povos. E sem dúvida, a ligação com os mares e o oceano sempre esteve presente.

Vários foram os autores que escreveram sobre a Península Ibérica e sobre os mares que a circundam. Um destes autores foi Orlando Ribeiro, que escreveu:

*“Entre a Europa recortada e a África Maciça, o Mar Mediterrâneo aparece como um dos traços mais antigos e permanentes da fisionomia do Globo.*

*As orlas continentais que o circundam contam-se entre as regiões mais cedo despertadas para a civilização que, durante dezenas de séculos, gravitou em torno deste mar interior.*

*Foi no convívio das gentes mediterrâneas que a restante Europa se enriqueceu de ideias e de crenças, depois espalhadas por todo o mundo.*

*Esta pequena parcela de terras e de mares desempenhou na História do Planeta e da Humanidade, um papel dos mais importantes”. (Ribeiro, 1945: 1)*

A localização atrativa da Península Ibérica levou à passagem de vários povos e ao registo de muitos acontecimentos que marcaram a vida das populações ao longo dos tempos.





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



POPH



Jas

Cardoso  
Pires

AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSE CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

Esses povos deixaram a sua marca no território e uma importante herança cultural e civilizacional.

Entre os povos que por aqui passaram, os fenícios, os romanos e os muçulmanos foram os que mais vestígios nos deixaram.

Os fenícios eram um povo de navegadores e de comerciantes, naturais do território do atual Líbano.

Desenvolveram importantes meios navais para a prática do comércio, levando prata, estanho, cobre e até ouro, que aqui havia em abundância, e trazendo em troca produtos manufaturados.

Os romanos chegaram à Península Ibérica, mas ao contrário dos outros povos que chegaram a estas paragens, não se limitaram a comerciar ou a fazer da península uma simples área de influência militar. Desenvolveram uma verdadeira integração dos povos que aqui habitavam, modificando as bases da economia, o tipo de povoamento, as técnicas do trabalho, os costumes e a cultura, a que se deu o nome de romanização.

Pela Península Ibérica passaram os muçulmanos, também conhecidos por mouros ou sarracenos. Vieram do Norte de África e invadiram a Península Ibérica pelo Sul.

Permaneceram mais de cinco séculos em grande parte do território que hoje é Portugal, onde deixaram muitas marcas da sua cultura.

Os cristãos refugiaram-se no Norte da Península Ibérica e aí organizaram um exército para combater os muçulmanos. As lutas prosseguiram no espaço e no tempo dando início à Reconquista Cristã.

Uma das principais figuras da Reconquista Cristã foi D. Afonso Henriques, o nosso primeiro rei de Portugal.



Voltando a Orlando Ribeiro:

*“O mar é o mais poderoso fator de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo, nas suas cidades-portos o exótico cabe sempre entre o local. Mas ele marca também o fim da terra habitada”. (Idem: 158)*

«Onde a terra se acaba e o mar começa» (Ibidem: 158), abrindo caminho a mares nunca dantes navegados.

A localização geográfica do nosso território, junto ao mar, não foi só uma porta de entrada de outros povos, mas também uma saída para a descoberta de um mundo até então desconhecido. Daqui, saíram as caravelas que deram a conhecer novas culturas, produtos e gentes.

Texto adaptado pelas professoras estagiárias de História Sofia Contente e Vanda Miranda.

### **Bibliografia de apoio:**

Lopes, Figueiredo (1995). *História Elementar de Portugal*. Porto: Porto Editora.

Proença, Maria (2012). *As origens de Portugal – até ao século VIII*. In *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Ribeiro, Orlando (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora.

Nome: \_\_\_\_\_  
 Semana da Leitura  
 7º 1ª

**“Por mar sempre navegado”**

Descubra as palavras escondidas.

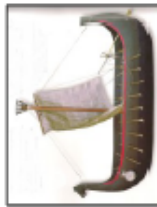
Q	W	S	F	B	Y	H	I	K	L	D	S	A	M
C	F	G	M	L	P	E	N	I	N	S	U	L	A
Z	M	V	E	G	T	R	D	B	I	P	E	C	R
D	X	A	D	Q	Z	O	C	E	A	N	O	L	Y
G	C	X	I	T	A	X	B	R	Q	F	G	J	M
H	V	A	T	L	A	N	T	I	C	O	K	H	U
J	B	P	E	H	J	K	H	C	A	K	L	F	Ç
I	N	E	R	T	W	B	D	A	F	I	O	R	U
W	M	B	R	S	S	A	S	J	C	J	U	E	L
R	O	M	A	N	O	S	A	O	V	H	T	A	M
Q	Y	I	N	P	O	L	K	J	G	T	E	S	A
E	G	F	E	N	I	C	I	O	S	R	D	D	N
R	F	P	O	S	D	F	G	H	U	O	M	F	O
Y	U	O	P	Z	X	D	A	F	P	O	V	O	S

- Mar
- Oceano
- Mediterrâneo
- Atlântico
- Península
- Ibérica
- Fenícios
- Muçulmanos
- Povos
- Romanos

“Por mar sempre navegado”

2012 / 2013

Associe cada imagem ao povo que deixou esse vestígio.



- Muçulmanos
- Fenícios
- Romanos

Circule as 4 (quatro) palavras de origem árabe relacionadas com a agricultura.

- Abdora
- Albufeira
- Alcatifa
- Alcântara
- Alface
- Alfama
- Alfarroba
- Alfândega
- Alguidar
- Almada
- Argola
- Alfazema
- Azenha
- Açorda
- Açude

“Por mar sempre navegado”

2012 / 2013

**Anexo 20**

Ficha de Trabalho sobre a atividade:  
*Por Mar Sempre Navegado*

Semana da Leitura  
 7<sup>o</sup> 1<sup>a</sup>

“Por mar sempre navegado”

**Reescreva** a frase depois de descobrir as palavras misterio.




Entre os **vospo** que passaram por **tuPorgal**, os **ciosnife**, os **nosmario** e os **nosmaçulmu** foram os que mais **osgitives** nos deixaram.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Assinale** com um X a opção que considera mais correta.

Avaliação da atividade		Muito		Pouco		Nada
Gostei da apresentação						
O tema foi atrativo						
Estive atento/a à apresentação						
As minhas atitudes contribuíram para um bom ambiente						

Descubra as palavras escondidas.

H	R	A	S	T	R	O	L	A	B	I	O	K
T	E	D	S	O	U	I	D	N	D	N	F	F
K	I	S	F	S	F	R	K	T	E	J	O	K
L	Q	G	P	L	L	E	Z	I	L	X	P	N
R	B	A	A	E	X	P	A	N	S	A	O	X
R	O	T	J	I	C	M	I	J	P	J	C	L
B	J	E	R	O	N	I	M	O	S	B	E	N
E	A	H	L	H	S	X	A	V	M	B	A	E
Q	D	G	N	A	U	S	V	R	G	S	N	U
B	O	T	N	V	J	N	F	L	I	B	O	Q
U	R	U	C	A	R	A	V	E	L	A	S	N
S	A	D	A	M	A	S	T	O	R	B	S	H
B	U	F	V	N	M	S	G	N	A	H	F	I

- Império
- Bojador
- Especiarias
- Tejo
- Naus
- Astrolábio
- Expansão
- Jerónimos
- Rei
- Oceanos
- Caravelas
- Adamastor

Escreva uma frase sobre a apresentação.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO de ESCOLAS JOSÉ CARDOSO PIRES  
CÓDIGO - 170719

Escola EB 2/3 José Cardoso Pires

### Semana da Leitura

"Ler o mar"

11 a 15 de Março de 2013

### "Por mar sempre navegado"

7<sup>o</sup> 1<sup>a</sup>

14 de Março 10h15 - 11h45

#### Inquérito de avaliação da atividade

Classifique numa escala de 1 a 5, onde 1 é considerado Nada Pertinente e 5 é considerado Muito Pertinente.

	1	2	3	4	5
Pertinência do tema escolhido					

Classifique numa escala de 1 a 5, onde 1 é considerado Não Satisfaz e 5 é considerado Muito Bom.

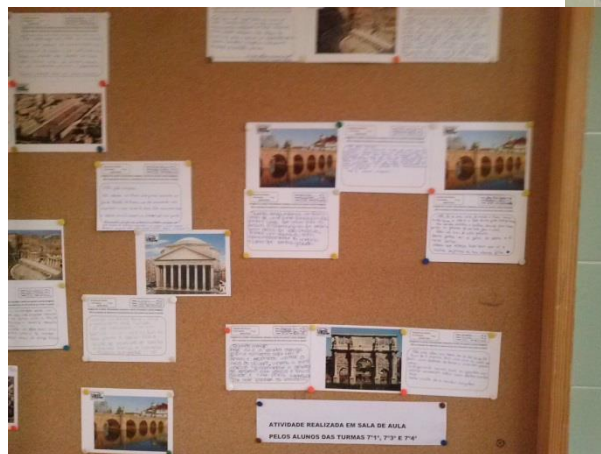
	1	2	3	4	5
Adequação dos materiais apresentados					
Ligação à temática geral					
Relação com os conteúdos lecionados					
Adequação da ficha de apoio					
Qualidade da apresentação					

Nota: A amostra de conveniência deste inquérito foi composta pela professora Bibliotecária (professora de História), cinco professores de História, três professores de Português e dois professor de Matemática do 3<sup>o</sup> ciclo do Ensino Básico, bem como uma funcionária operacional, da escola EB 2/3 José Cardoso Pires.



## Anexo 22

Fotos da exposição:  
*Romanos em Portugal*







Indicadores demográficos

Data: 24/10/2012  
Geografia 8º 1ª

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Nº do Aluno	Indicadores demográficos																				Média
	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20							
1	5	5	5	4	4	4	4	4	5	5	4	4	4	5	na	5	4	4	5	4,4	
2	5	4	5	4	4	4	4	4	4	5	4	4	3	3	na	3	3	3	4	4,1	
3	5	3	5	3	3	4	3	4	3	4	5	3	3	3	na	3	3	3	4	3,7	
4 NEE																					
5	5	3	5	5	3	4	3	4	4	4	5	4	3	3	na	3	3	3	4	3,8	
6	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	4	5	na	4	4	4	5	4,7	
7	5	5	5	5	4	4	4	4	5	5	5	5	4	4	na	4	4	4	5	4,6	
8	5	3	5	5	3	3	3	3	4	3	4	5	3	3	na	3	3	3	4	3,6	
9	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	4	4	na	5	5	5	5	4,9	
10	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	4	4	4	na	4	4	4	5	4,7	
11	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	na	5	5	5	5	4,9	
12 NEE																					
13	5	4	5	5	3	3	3	4	4	3	5	4	3	3	4	na	3	4	5	3,8	
14	5	3	5	5	4	3	3	3	4	4	5	3	3	3	na	3	3	4	5	3,7	
15 N1	3	2	3	2	3	2	2	3	3	1	4	2	2	3	2	na	1	2	3	2,4	
16	5	4	5	5	4	4	4	4	4	4	5	3	4	4	3	na	3	4	5	4,1	
17	5	4	5	5	4	4	4	4	5	5	5	4	3	4	na	4	4	4	5	4,4	
18	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	na	5	5	5	5,0	
19	5	3	5	5	3	4	4	4	4	4	5	3	3	3	na	3	4	4	5	3,9	
20	5	3	5	5	3	4	4	4	4	3	4	3	4	3	na	3	na	3	5	3,7	
21	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	na	5	5	5	5	4,9	
Média	4,9	4,0	4,9	4,8	3,7	3,7	4,1	3,9	4,3	4,3	4,2	4,9	3,8	3,7	3,8	3,9	0,0	3,6	4,1	4,8	4,18

- 1 Não Satisfaz
- 2 Satisfaz Pouco
- 3 Satisfaz
- 4 Satisfaz Bem
- 5 Satisfaz Muito Bem
- na Não se Aplica
- NEE Alunos que frequentam Geografia para a Vida
- N1 Aluno em avaliação psicológica

prof. estagiária  
**Vanda Miranda**





**ATIVIDADE: Ler o Mar**

**14/03/2013**  
**Historia 7º 1ª**

**GRELHA DE OBSERVAÇÃO**

Nº do Aluno	Observações														Média							
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14		15	16	17	18	19	20	
1	5	3	na	na	3	2	2	2	2	2	3	5	3	3	3	3	4	3	3	4	4	3,1
2	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,7
3	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,7
4	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,6
5	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,7
6	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,7
7	5	4	na	na	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,7
8	5	5	na	na	4	4	3	3	3	4	4	5	4	4	5	5	5	4	4	4	4	4,2
9	5	5	na	na	4	4	3	3	3	4	4	5	4	4	5	5	5	4	4	4	4	4,2
10	5	5	na	na	4	4	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,8
11	5	5	na	na	4	4	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,8
12	5	5	na	na	4	4	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,8
13	5	5	na	na	4	4	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3,8
14	5	3	na	na	3	2	2	2	2	3	3	5	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3,2
Média	5,0	4,3	0,0	0,0	3,4	3,3	2,9	2,9	2,9	3,1	3,1	5,0	3,9	3,9	4,0	4,1	3,9	3,1	3,9	4,0	3,71	

- 1 Não Satisfaz
- 2 Satisfaz Pouco
- 3 Satisfaz
- 4 Satisfaz Bem
- 5 Satisfaz Muito Bem
- na Não se Aplica

prof. estagiária  
**Vanda Miranda**

Turma de Percuro Curricular Alternativo

**GRELHA DE OBSERVAÇÃO** **Historia 7º 3ª** **12/04/2013** **Economia no Império Romano**

Observações	Escala de observação																				Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
1	5	4	5	5	4	4	5	4	4	4	3	5	4	4	4	4	na	3	4	4	4,16
2	5	5	5	4	5	5	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	na	4	3	5	4,63
3	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	4	5	4	na	4	4	5	4,53
4	5	5	5	4	5	4	4	4	4	4	5	5	5	4	5	5	na	4	4	5	4,88
5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	3	5	4	4	4	4	na	4	3	5	4,21
7	4	4	5	5	4	4	3	3	4	3	4	5	4	3	3	4	na	4	3	4	3,74
8	4	3	4	3	4	3	4	4	4	4	3	4	3	3	3	3	na	3	4	3	3,47
9	3	2	4	4	3	2	3	3	3	3	2	4	2	2	3	2	na	2	3	3	2,79
10	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	na	5	5	5	4,96
11	3	2	4	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	na	3	2	4	3,11
12	4	4	4	3	3	4	3	3	3	3	4	4	3	3	4	3	na	3	4	4	3,47
13	5	2	5	3	3	2	3	2	3	3	1	3	2	2	3	2	na	2	3	3	2,74
14	5	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	5	4	4	4	4	na	4	5	4	3,79
15	3	3	5	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	na	3	4	3	3,21
16	2	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	na	3	3	3	3,05
17	4	2	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	na	2	3	3	2,96
19	2	2	4	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	3	na	2	3	3	2,63
20	5	4	5	5	5	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4	4	na	4	4	4	4,26
21	4	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	na	3	4	4	3,21
22	4	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	na	3	4	4	3,32
23	3	3	5	5	3	3	3	3	3	3	3	5	3	3	3	4	na	3	5	4	3,53
25	3	3	4	3	3	4	5	3	3	4	4	3	3	3	3	4	na	4	4	4	3,53
26	3	2	4	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	na	3	3	3	2,79
28	3	3	5	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	na	3	4	3	3,21
29	3	3	4	4	3	4	3	3	3	3	4	3	3	3	4	4	na	3	4	4	3,42
30	5	4	5	4	3	2	2	2	2	2	4	5	5	3	3	2	na	4	2	5	3,37
31	4	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	na	3	3	3	3,11
Média	3,9	3,4	4,5	3,9	3,4	3,4	3,4	3,4	3,3	3,3	3,3	4,0	3,4	3,3	3,4	3,4	0,0	3,3	3,6	3,9	3,37

- 1 Não Satisfaz
- 2 Satisfaz Pouco
- 3 Satisfaz
- 4 Satisfaz Bem
- 5 Satisfaz Muito Bem
- na Não se Aplica

prof. estagiária  
**Vanda Miranda**

O Legado da Civilização Romana: Direito e Urbanismo

26/04/2013  
Historia 7º 2ª

GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Nº do Aluno	Observações										Média									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10										
1	4	4	5	5	4	3	4	4	4	4	5	4	4	5	4	3	4	4,15		
2	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	5	4,45	
3	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4,25	
4	4	4	5	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	4	3,30	
5	4	3	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3,10	
6	5	3	5	3	3	3	3	3	2	2	4	3	3	3	3	2	3	3	3,10	
7	CEI #	5	3	5	3	3	2	3	2	4	5	3	3	3	3	3	2	5	3,20	
8		5	5	5	5	5	4	4	4	4	5	5	5	5	5	4	4	5	4,65	
9		5	4	5	4	3	3	3	3	3	4	5	3	3	4	4	4	4	3,70	
10		5	3	5	4	3	4	3	3	3	4	5	3	3	3	3	4	3	3,80	
11		2	2	3	3	2	3	3	3	2	3	3	3	2	2	2	3	3	2,65	
13		5	4	5	4	4	3	3	3	3	4	5	4	3	4	4	4	5	3,85	
14	CEI #	5	5	5	5	nv	5	5	5	5	5	5	4	4	5	5	3	5	4,79	
15	CEI #	5	5	5	5	3	nv	3	3	3	nv	5	5	3	3	3	4	5	3,83	
16	CEI #	4	3	5	5	3	2	3	2	3	4	5	4	3	3	3	4	4	3,45	
17		5	5	5	5	4	5	4	4	4	5	5	5	4	5	4	4	5	4,45	
18	CEI #	5	3	5	4	3	3	3	2	3	5	3	3	2	3	3	3	4	3,25	
19		5	4	5	5	3	4	4	4	4	5	5	4	3	4	5	4	5	4,25	
20		5	5	5	5	4	4	4	4	4	5	5	4	4	4	4	4	3	4,30	
21		5	4	5	5	3	4	3	3	3	4	5	4	3	4	4	4	3	3,85	
22		5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4	4,35	
23		5	4	5	5	3	4	4	4	3	4	5	5	4	3	4	3	3	3,95	
24		4	3	5	4	3	3	3	3	3	3	5	3	3	3	4	3	4	3,45	
25		5	4	5	5	4	5	4	3	4	5	5	4	4	5	5	5	4	4,50	
26	CEI #	5	4	5	5	3	4	3	3	2	4	5	5	4	5	5	4	3	4,05	
27		4	3	5	4	3	3	3	3	3	3	5	3	3	3	4	3	4	3,45	
28		3	2	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	2	3	3	3	2,75	
29	PNUR	4	3	5	4	nv	nv	3	2	3	5	4	3	nv	4	4	3	5	3,00	
Média	4,7	4,0	5,0	4,5	3,2	3,4	3,6	3,3	3,3	3,8	4,9	4,0	3,6	3,4	3,8	4,0	3,6	3,6	4,5	3,89

- 1 Não Satisfaz
- 2 Satisfaz Pouco
- 3 Satisfaz
- 4 Satisfaz Bem
- 5 Satisfaz Muito Bem
- nv Não se Aplica
- CEI Alunos de Currículo Específico Individual
- PNUR Aluno abrangido do Programa das Nações Unidas para os refugiados
- # A apreciação efetuada teve em conta as especificidades dos alunos
- nv Não se verifica devidos especificidades do aluno

prof. estagiária  
Vanda Miranda

Religião e Culto Romano versus Crisânimo:  
síntese escrita

17/05/2013  
Historia 7º 4ª

GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Observações	17/05/2013 Historia 7º 4ª																				Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
1	5	4	5	5	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3,8
2	5	4	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4	4	4	4,6
3	5	3	5	5	4	4	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	3	4	4,0
4	4	3	5	5	4	5	5	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3,9
5	5	4	5	5	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	4	4,0
7	5	3	5	5	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	5	5	4,1
8	5	4	5	5	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	4	4,0
9	5	4	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4,4
10	4	4	5	5	3	3	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3,8
11	5	4	5	5	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3,6
12	5	4	5	5	4	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4,6
13	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	3	5	4,8
14	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	4,9
15	4	4	5	5	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3,9
16	5	4	4	5	3	3	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3,8
17	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	4,9
18	4	3	4	5	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3,4
19	5	4	5	5	3	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3,9
20	4	3	4	5	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3,5
21	4	4	5	5	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4,1
22	4	3	3	4	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2,8
23	5	3	5	5	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3,7
25	3	3	4	5	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3,1
26	4	3	5	5	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3,6
27	5	5	5	5	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	4,1
28	4	3	5	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3,6
29	5	3	4	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3,5
30	5	4	5	5	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3,8
31	5	4	5	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3,6
Média	4,8	3,9	4,8	5,1	3,5	3,9	4,2	3,9	3,5	3,5	0,0	5,1	3,8	3,8	0,0	4,0	0,0	3,8	3,8	4,1	3,47

- 1 Não Satisfaz
- 2 Satisfaz Pouco
- 3 Satisfaz
- 4 Satisfaz Bem
- 5 Satisfaz Muito Bem
- na Não se Aplica

prof. estagiária  
Vanda Miranda



Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

Avaliação: \_\_\_\_\_ Professor: \_\_\_\_\_

Encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

## Teste Sumativo – Geografia 8º ano

1. **Complete** as frases abaixo com as **palavras chave** correspondentes:

a) Palavras chave:

XIX	mortalidade	lento	elevadas
Crescimento natural	Aumento	natalidade	XX
diminuição	explosivo		

A população mundial, no período conhecido por Regime Demográfico Primitivo teve um crescimento \_\_\_\_\_ (**lento**) \_\_\_\_\_ porque as taxas de \_\_\_\_\_ (**natalidade**) \_\_\_\_\_ e de \_\_\_\_\_ (**mortalidade**) \_\_\_\_\_ eram \_\_\_\_\_ (**elevadas**) \_\_\_\_\_.

Entre meados do século XVIII e meados do século \_\_\_\_\_ (**XIX**) \_\_\_\_\_, registou-se um crescimento significativo da população mundial, devido à diminuição das taxas de mortalidade nos países desenvolvidos e à manutenção de elevadas taxas de natalidade.

Assistiu-se assim, a um \_\_\_\_\_ (**aumento**) \_\_\_\_\_ das taxas de \_\_\_\_\_ (**crescimento natural**) \_\_\_\_\_.

A partir de meados do século XX devido às elevadas taxas de natalidade e à \_\_\_\_\_ (**diminuição**) \_\_\_\_\_ das taxas de mortalidade, registadas nos países em desenvolvimento, a população mundial teve um crescimento muito rápido ou \_\_\_\_\_ (**explosivo**) \_\_\_\_\_.

2. **Classifique** as afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F).

a) Actualmente nos países desenvolvidos e em desenvolvimento a população cresce a ritmos diferentes.	<b>V</b>
b) Os países desenvolvidos registam actualmente, uma elevada taxa de crescimento natural.	<b>F</b>
c) Os países em desenvolvimento registam uma elevada taxa de crescimento natural.	<b>V</b>
d) Em alguns países desenvolvidos o crescimento natural é negativo.	<b>V</b>
e) O crescimento natural é a diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade.	<b>F</b>

3. No gráfico da figura está representada a evolução do índice sintético de fecundidade (ISF) em Portugal de 1971 a 2007.

3.1. **Indique** o valor do ISF em 2005.

Resposta aceite entre 1,40 e 1,43

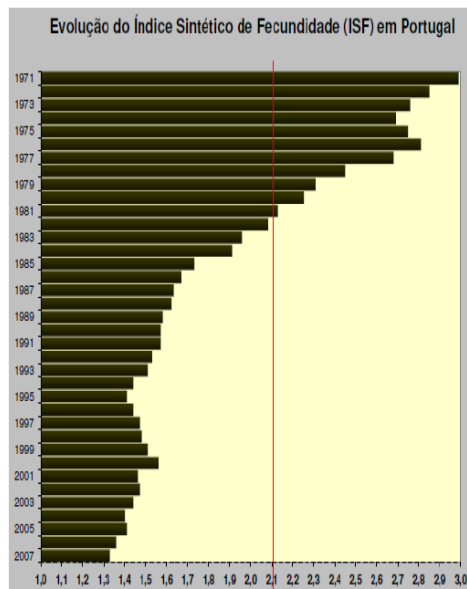


Fig. 1 – Gráfico ISF em Portugal de 1971 a 2007

Fonte: INE/Pordata

3.2. **Refira** o ano a partir do qual deixou de se fazer a renovação de gerações em Portugal.

O ano a partir do qual se deixou de fazer a renovação de gerações em Portugal foi 1982.

3.3. **Justifique** a resposta dada no ponto anterior.

Quando o Índice Sintético de Fecundidade é inferior a 2,1 não se verifica a renovação da população.

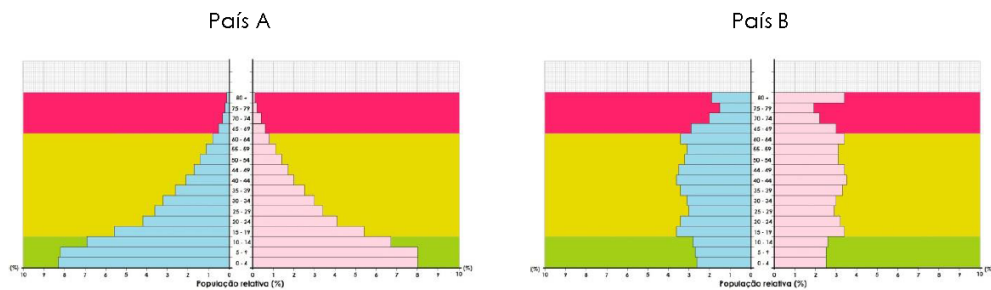
4. **Indique** três causas que contribuem para que a taxa de mortalidade infantil nos países em desenvolvimento seja elevada.

Resposta aceite, quaisquer das seguintes:

- Fome e subnutrição;
- Deficientes condições de saúde, higiene e habitação;
- Conflitos armados;
- Doenças infecto-contagiosas (como a SIDA, e outras).
- Reduzida assistência médica;
- Inexistência de planos de vacinação ou planos pouco abrangentes.



5. Observe as pirâmides etárias A e B.



Fonte: U.S. Census Bureau, International Data Base

Fonte: U.S. Census Bureau, International Data Base

5.1. Associe as frases às respectivas pirâmides, colocando **A** ou **B** nos devidos campos.

a) A pirâmide corresponde a um país de população jovem.	<b>A</b>
b) A pirâmide corresponde a um país com população envelhecida.	<b>B</b>
c) A pirâmide é característica de um país em desenvolvimento.	<b>A</b>
d) A pirâmide apresenta uma menor percentagem de jovens.	<b>B</b>
e) A pirâmide representa uma população com elevada esperança média de vida.	<b>B</b>
f) A pirâmide apresenta várias classes ocas.	<b>B</b>
g) Cerca de 15% da população da pirâmide é jovem.	<b>B</b>

Bom Trabalho!